

Gisele de F. Do Prado
Larissa de Cássia Antunes Ribeiro

RADOSIA

O rap no letramento literário
do ensino médio

Texto e Contexto

EDITORA



RADISSIA

Expediente

© 2023 Gisele de F. do Prado; Larissa de Cássia Antunes Ribeiro

TEXTO E CONTEXTO EDITORA

Diretora e editora-chefe: Rosenéia do Rocio Prestes Hauer

Revisão: Larissa de Cássica Ribeiro Antunes

Capa: Luciana Ramos

Prado, Gisele de F. do

P896 Raposeia: o rap no letramento literário do ensino médio/

[livro eletrônico]/ Gisele de F. do Prado; Larissa de Cássia

Antunes Ribeiro. Ponta Grossa: Texto e Contexto, 2023.

83 p.; E-book – PDF Interativo

ISBN: 978-85-94441-94-2

1. Projeto Raposeia. 2. Rap nacional – Brasil. 3. Gênero literário. 4. Texto poéticos - musical. I. Ribeiro, Larissa de Cássia Antunes. II. T.

CDD: 808.5

Ficha Catalográfica Elaborada por Maria Luzia Fernandes Bertholino dos Santos – CRB9/986

Texto e Contexto

EDITORA

www.textoecontexto.editora.com.br

contato@textoecontextoeditora.com.br

(42) 988834226

CONSELHO EDITORIAL:**Presidente:**

Dr^a. Larissa de Cássia Antunes Ribeiro (Unicentro)

Membros:

Dr. Fábio Augusto Steyer (UEPG)

Dr^a. Silvana Oliveira (UEPG)

Doutorando Anderson Pedro Laurindo (UTFPR)

Dr^a. Marly Catarina Soares (UEPG)

Dr^a. Naira de Almeida Nascimento (UTFPR)

Dr^a Leticia Fraga (UEPG)

Dr^a. Anna Stegh Camati (UNIANDRADE)

Dr. Evanir Pavloski (UEPG)

Dr^a. Eunice de Moraes (UEPG)

Dr^a. Joice Beatriz da Costa (UFFS)

Dr^a. Luana Teixeira Porto (URI)

Dr. César Augusto Queirós (UFAM)

Dr. Valdir Prigol (UFFS)

Dr^a. Clarisse Ismério (URCAMP)

Dr. Nei Alberto Salles Filho (UEPG)

Dr^a Ana Flávia Braun Vieira (UEPG)

Dr. Marcos Pereira dos Santos (UTFPR)

Sinopse do projeto

Esta obra é fruto de uma experiência de formação docente. Trata-se de um trabalho de Conclusão de Curso de Letras Português/Espanhol da Universidade Estadual de Ponta Grossa-PR. A pesquisa é a execução reflexiva de uma sequência didática aplicada no primeiro ano do Ensino Médio, cujo objetivo é o trabalho com o gênero *rap* nas aulas de Língua Portuguesa. Portanto, essa obra relata o caminhar de todo um processo que engendra planejamento, cooperação, desafios e muitas descobertas. Cada sujeito envolvido nesta pesquisa, teve a oportunidade de utilizar a linguagem para a emancipação social. Desse modo, este livro prevê a circulação ampla do texto a fim de expandir o projeto que visa a criação de materiais didáticos e pedagógicos por meio da leitura interativa e das práticas dentro e fora dos ambientes escolares.

As autoras

Sobre as autoras



Gisele de Fátima do Prado

Autora do Trabalho de Conclusão de Curso.

E-mail: gi.prado.giullya@gmail.com.



Larissa de Cássia Antunes Ribeiro

Orientadora-UEPG, doutora em Estudos Literários (UFPR), colaboradora no curso de Letras da Universidade Estadual de Ponta Grossa- PR e no Centro de Línguas da Universidade Estadual do Centro-Oeste-Irati/ PR.

E-mail: ribeiro.larissadecassia@gmail.com.

Sumário

Prefácio.....	7
Apresentação.....	9
Primeiras palavras.....	12
No prelúdio deste livro, os documentos oficiais e suas menções sobre o proposto.....	17
Mas o que o Rap nacional tem a ver com a escola?.....	25
O palco: o colégio e a professora e os alunos.....	31
Aplicação: e aí, deu certo ou não?.....	34
Reflexões sobre o projeto rapoesia.....	54
Enfim ... As considerações finais.....	60
Referências.....	62
Anexos.....	64
Anexo 2 – slides.....	70
Anexo 3 – encarte.....	70

Prefácio

Naila Muller

Professora supervisora do projeto ministrado; atuante no ensino fundamental da rede pública.

O ambiente escolar retrata as mudanças e as transformações pelas quais a sociedade vem passando. Os educandos trazem consigo suas histórias, anseios, dificuldades e vitórias que vivenciam em seus lares e nas comunidades que fazem parte.

As discussões envolvendo o respeito, a diversidade e o direito das minorias estão sendo realizadas de forma tímida nos espaços acadêmicos. Mesmo com a criação de diversas leis, as reflexões ainda sofrem muitas resistências.

Esta obra foi pensada e construída através de uma sequência didática realizada numa turma de ensino médio de um colégio estadual do Estado do Paraná. Utilizando-se do gênero musical “rap”, foi feito um trabalho de campo junto aos alunos no qual foram propostos momentos de discussões e reflexões sobre as lutas que as minorias (lgbtqi+, negros, surdos etc.) enfrentam para conquistarem seus espaços dentro de suas famílias e nos diversos ambientes nos quais eles frequentam.

Durante os encontros realizados em sala de aula, a autora ouviu relatos emocionantes de adolescentes que relataram as mais diversas situações. Onde foi possível perceber o quanto esse debate precisa ser estendido para os mais diversos setores da sociedade. O fracasso ou o sucesso de um cidadão começa a se desenhar muito cedo, e depende do apoio que ele tem nessa fase tão importante da vida que é a adolescência. Vemos cada vez mais adolescentes to-

mando caminhos sem volta do crime, do uso de drogas e até mesmo do suicídio que poderiam ser evitados com uma boa base familiar e social.

Baseado nos debates, os alunos foram direcionados para algumas temáticas e produziram textos poéticos que trazem a essência da alma de cada um deles e contando de uma forma emocionante sobre suas realidades.

O leitor é convidado a refletir sobre temas latentes que cada vez mais se tornam urgentes na nossa sociedade, já que representam uma questão de respeito a direitos e um dever moral de todo aquele que se declara um cidadão do bem.

Apresentação

Larissa de Cássia Antunes Ribeiro

*Mas sabe que mudar o destino é o seu compromisso...
(Jup do Bairro)*

Esta obra é fruto de uma experiência de formação docente. Durante os anos de 2021 e 2022 fui professora da disciplina de O Estágio e a Formação do Docente de Língua Portuguesa e Literatura para os cursos de Licenciatura em Letras Português/Espanhol e Licenciatura em Letras Português/Francês na Universidade Estadual de Ponta Grossa-PR. Nessa caminhada, uma das alunas que mais se destacou foi A Gisele de Fátima do Prado, a qual foi a primeira acadêmica a me escolher para a orientação do seu Trabalho de Conclusão de Curso durante esse período. As aulas que ministrei em 2021 ocorreram todas no modo remoto, sendo que para a disciplina foi um gigante desafio, pois essa demanda a experiência com a prática.

O estágio da Gisele ocorreu à distância e percebemos que seria importante um trabalho mais aprofundado em 2022, através do contato mais próximo com a comunidade escolar, visto que a sua pesquisa apresentava objetivos emancipatórios. Desse modo, após o período de afastamento físico, passamos para o retorno, tumultuoso, o qual exigiu bastante flexibilidade e energia para a adaptação. Os alunos mais conscientes da importância do contato social, voltam às escolas, colégios, faculdades e universidades; os professores retornam para as salas de aulas, mais alertas quanto a sua função

pedagógica, sendo que o avanço tecnológico, muito valorizado no período pandêmico, jamais pôde ou poderá apagar a importância da ação do profissional de ensino. E é nesse contexto que o trabalho da minha orientanda se realizou.

Para mim, enquanto professora orientadora, acompanhar esse percurso significou percorrer uma trajetória emocionante, de extrema responsabilidade, onde arte, educação e respeito ativaram o que há de mais precioso no processo ensino/aprendizagem: a valorização do humano. Orientar um trabalho como esse, exigiu de mim o acompanhamento do material pedagógico e a flexibilidade do trato pessoal, desafiando a minha capacidade de identificar os limites e as possibilidades de cada um dos envolvidos em todo esse processo. Procurei compreender, de modo mais aprofundado a função de todos, para auxiliar em tudo o que fosse necessário para a boa condução do projeto.

A acadêmica foi uma aluna excelente e é um ser humano fantástico. Ela tem sede de um mundo melhor e se esforça para que isso aconteça. Esse trabalho merece ser compartilhado com todos, pois quero que sintam o que eu senti, o que a Gisele, a professora da turma e, principalmente, os alunos sentiram no desenvolvimento das atividades.

Formar um profissional de ensino é um trabalho muito sério e importante, pois somos agentes sociais e fico extremamente orgulhosa de ter feito parte de tal trajetória. Tenho certeza de que todos saímos dessas realizações mais humanos, mais politizados e mais preparados para os desafios que a vida nos apresenta.

As mudanças necessárias, podem e devem começar hoje mesmo, através das nossas melhores ideias, começando por algumas ações, dentro e fora do ambiente escolar. Com o passo de cada um, seguimos em frente e caminhamos muito longe. Com o apoio sério

e contínuo de um grupo humanizado, fortalecemos o caminho de todos, sem distinção.

Este livro colabora para tudo aquilo que interessa e é importante: respeito, justiça, desenvolvimento, responsabilidade e liberdade, enfim: amor em sua plena e divina diversidade.

Certamente, após a sua leitura, estaremos cada vez mais fortes, unidos e preparados para as atitudes em prol de um mundo melhor.

Primeiras palavras

Ao refletir sobre educação, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) menciona que a instituição escolar, no sentido de pluralidade de culturas, almejando a formação de sujeitos críticos, implica: “[...] organizar uma escola que acolha as diversidades, promovendo, de modo intencional e permanente, o respeito à pessoa humana e aos seus direitos” (BRASIL, 2018, p. 465). Sendo a educação um direito previsto em acordos internacionais, descrito no artigo 26º da Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH), o qual possui como uma de suas premissas: “(...) a educação deve visar à plena expansão da personalidade humana e ao reforço dos direitos do homem e das liberdades fundamentais e deve favorecer a compreensão, a tolerância e a amizade entre todas as nações e todos os grupos raciais ou religiosos (...)”¹A partir disso, chegamos à seguinte indagação: a escola realmente tem contribuído no sentido de oferecer uma educação igualitária, democrática e inclusiva, visando ensinar o alunado a compreender e respeitar as diferenças que compõem nossa sociedade?

Esse questionamento não é, diretamente, o objeto de estudo para este trabalho, mas o perpassa e revela a necessidade de uma educação emancipadora, que valorize, respeite e, acima de tudo, insira o aluno dentro do ambiente escolar, para que ele perceba, que não é um estranho dentro da sociedade, mas parte essencial na formação de uma coletividade mais humana. Por essa razão, uma perspectiva contemporânea de ensino se faz necessária, o que é levado em conta nas reflexões propostas neste estudo.

No que se refere à presente obra, algumas questões norteiam a pesquisa: Por que as políticas públicas e o Parâmetros Curriculares Nacionais (PPP) não incentivam, de modo eficaz, a cultura

1. Disponível em: Artigo 26º: Direito à educação — Português (Brasil) (www.gov.br) Acesso em 11 Mar. 2022.

das minorias não inserindo planos de aula voltados para os gêneros literários marginais? Que estilo musical ou literário é considerado cultura de qualidade? Quais as contribuições que a poesia periférica do Rap pode trazer para a elaboração de recursos didáticos e planos de aula de literatura brasileira? Que singularidades presentes nos discursos podem caracterizar o Rap como recursos pedagógicos? Por mais que esses conteúdos, muitas vezes apareçam nos documentos oficiais como as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN), PCNs e BNCC, observa-se que não são tratados de maneira aprofundada.

Diante desses questionamentos, propomos estudar a literatura brasileira, inserindo-a no contexto do(s) aluno(s). Para tanto, recorreremos ao Rap, uma das vertentes do *Hip-Hop*, mais precisamente à letra de uma música, a qual dentro de uma votação, foi escolhida com a finalidade de ser utilizada como recurso pedagógico, a fim de que os alunos consigam aflorar seus sentidos críticos, diante das problemáticas sociais levantadas na letra de Rap eleita, analisada por eles. O trabalho com as canções são práticas importantes para reconhecer suas vozes, por muitas vezes silenciadas dentro da escola, seja pelo preconceito, pela falta de oportunidade ou escassez de conteúdo.

O gênero Rap, como recurso didático-pedagógico, pode ser utilizado por professores de todas as áreas do conhecimento como um recurso facilitador, contudo, para este trabalho, a proposta é o trabalho do gênero dentro da disciplina de língua portuguesa, com ênfase na área de literatura. Justificamos que sua utilização se dá pela necessidade de a educação valorizar e respeitar os saberes e vivências dos discentes porque “enquanto uns consomem o Rap a partir de uma concepção de entretenimento, outros o concebem como expressão étnico-identitária que por certo facilita a recepção

do gênero em sala de aula” (OLIVEIRA, 2018). Com isso, consegue-se fazer um diálogo entre sociedade, arte e poesia.

Consideramos que: “(...) com uma natureza essencialmente crítica e contestadora, o Rap tem servido como uma forma de protesto contra a invisibilidade sofrida por populações periféricas, ignoradas por governantes e sociedade civil. Retrata a realidade da população mais pobre, portanto, oprimida” (RIBEIRO, SILVA, 2020, p. 375). É possível defender a escolha do gênero proposto pelo fato de ser um estilo próximo aos jovens e acessível aos adultos, além de possuir um teor de produção poética-crítica. O público-alvo para as atividades foram os alunos do Ensino Médio, que, por possuírem menos aulas semanais de língua portuguesa se comparado ao Ensino Fundamental e ter como foco a preparação para os vestibulares, os professores necessitam de abordagens mais dinâmicas e eficazes.

A fim de aprofundar as questões que norteiam o presente trabalho, utilizamos um dos principais documentos oficiais, que é a BNCC, usufruindo deste para esclarecer a importância da inserção plena dos alunos na escola, visto que o texto explicita que num dos campos de conhecimentos abordados “(...) está em jogo a continuidade da formação do leitor literário [...] para que a função utilitária da literatura – e da arte em geral – possa dar lugar à sua dimensão humanizadora, transformadora e mobilizadora, é preciso supor – e, portanto, garantir a formação de um leitor-fruidor (...)”, (BRASIL, 2018, p.138). Assim, proporciona-se ao aluno o pleno desenvolvimento das habilidades propostas como também contribui para o desenvolvimento do uso da linguagem, tanto escrita como oral, no contexto escolar.

Ainda no tocante à BNCC, a escolha do Ensino Médio como foco da atenção neste trabalho se dá pelo fato de que as competências específicas presentes no documento conversam com o que

é investigado neste livro, pois visa-se a compreensão das diferentes linguagens, sejam elas artísticas, verbais ou corporais. Para ser inserido em sua totalidade no âmbito escolar, o aluno precisa conhecer os diversos gêneros textuais, não apenas na teoria, mas através deles. Também não faz sentido estabelecer que o texto visa a compreensão de como se dão os conflitos e as relações de poder nas práticas de linguagens, se o aluno não tem voz para criticar e indagar sobre esses assuntos, porque ainda está imerso nessa educação capitalista e individual. Assim, como o professor pode auxiliar o aluno na utilização e apreciação de diferentes linguagens e suas diversas produções e contextos, se o próprio estudante não tem abertura para trazer a cultura na qual está inserido?

No que se refere ao letramento literário, os conceitos estão baseados nos estudos de Rildo Cosson (2021), o qual encaminha os professores no modo de induzir os conteúdos das aulas ao letramento, tanto na teoria, como na prática. Visando ainda esse conceito, mas com o enfoque no Ensino Médio, baseamo-nos nas pesquisas de Ana Lúcia Silva Souza (2011; 2012) a qual tem como objetivo principal, os letramentos de reexistência, que são fundamentais para as indagações aqui contidas e à reflexão sobre a inserção das propostas didáticas dentro da sala de aula, fazendo com que o aluno seja autor da sua realidade.

Para uma melhor contextualização, apresentamos um breve caminho sobre o surgimento do Rap no Brasil e sua conceituação como gênero literário, os textos fundamentais estão apoiados nos estudos de Elaine Nunes de Andrade (1999), pioneira na inserção do tema nas universidades, e nos estudos de Mônica do Amaral (2016), que concede várias propostas de como trabalhar a cultura *Hip-Hop* na escola para que o aluno possa expor sua identidade e subjetividade, deixando clara a intenção proposta de tirar a sala de aula do tradicionalismo imperante.

Brevemente mencionamos os conceitos de letramento, alfabetização e recursos didáticos, a fim de que o leitor esteja familiarizado com tais conceitos diante do que logo após será proposto.

Elaboramos a proposta de utilização do Rap nacional como recurso pedagógico, com o objetivo de investigar criticamente algumas músicas que possuem um teor de discordância em relação ao sistema governamental, ao racismo, machismo e preconceitos em geral. Desse modo, os alunos perceberam que em cada letra está presente um discurso que visa atender à necessidade de que certa parcela populacional precisa ser ouvida. Através das letras das músicas escolhidas, os alunos puderam aprender a questão da intertextualidade presente no texto e utilizaram as múltiplas linguagens como leitura, oralidade e escrita.

Ademais, analisamos como as letras são escritas, a fim de refletir sobre a poesia presente nas canções, pois “a primeira lição que rimadores experientes transmitem aos iniciantes, de maneira informal ou nas oficinas de MC, trata do padrão rítmico da base sobre a qual são construídas as rimas, o *‘bum-clap’*” (TEPERMAN, 2015, p. 45). Os alunos foram chamados a criar uma letra de Rap, utilizando os conhecimentos aprendidos, que correspondem com seus anseios, e as canções foram por eles apresentadas em sala de aula.

Propusemos uma prática de, no mínimo, seis encontros, objetivando contextualizar o assunto, sua história e arte urbana, conversar sobre os temas abordados, como por exemplo, o preconceito linguístico e o uso variado da língua, temas identitários como negritude, feminismo ou LGBTQ+. A prática com o texto é imprescindível para que o aluno possa compreender o Rap-poesia como um gênero literário, discutindo questões sociais, conhecer os vários usos da língua em contextos diferentes e aprender a apreciar as várias formas de poesia.

Com todo esse aparato verificamos nas observações a importância da inserção da poesia marginal através do Rap na sala de aula para um ensino mais dinâmico e democrático de língua portuguesa e literatura, e elaborar recursos pedagógicos diversos dentro dessa esfera crítica e democrática.

No prelúdio deste livro, os documentos oficiais e suas menções sobre o proposto

Discutir sobre educação parece ser ação corriqueira, levando em consideração a efetuação de um trabalho simplista, abrangendo uma pequena parcela da população em idade escolar, seguindo os moldes de uma pedagogia baseada em planos e sequências didáticas pré-estabelecidas, mas a educação genuína não é simples, não é estanque, nem dissimulada. A verdadeira educação transforma, humaniza, concebe sujeitos pensantes e autônomos, através de um ensino contestador e baseado no contexto dos seus agentes.

A escola é diversa, não apenas no sentido de tratar das disciplinas do currículo escolar, mas também no aspecto humano, cultural e social. Inclusos nessa diversidade, encontramos crianças e adolescentes advindos dos mais variados contextos sociais, que adentram o recinto educacional com sua bagagem de experiências e cultura, necessitando conviver com o outro: colegas, professores e demais profissionais.

Cada estabelecimento de ensino possui seu PPP, um documento que nada mais é do que a identidade da escola, no qual encontramos o caminho adequado para um ensino de qualidade. Podemos notar a presença de uma palavra crucial denominando e classificando o documento como “político”. A reflexão sobre a inserção deste vocábulo indica que é político no sentido de formação de cidadãos

críticos, que compreendem seu lugar na sociedade, os quais através de uma ação individual e coletiva, modificarão o sentido da bússola social.

Mas para colocar em prática o que propomos acima, a escola deve ceder espaço para as minorias e para os que são silenciados, através de uma educação que englobe todas as culturas presentes na sala de aula, para que não seja um ensino engessado e tradicional, que ceda lugar aos que ainda não estão inseridos integralmente na escola: a periferia, os pobres, os negros, entre outros.

Esclarecidos estes pontos, convém apresentarmos os documentos oficiais e como eles abordam a pluralidade cultural do alunado na escola, através de práticas pedagógicas que atinjam todos os alunos de maneira inclusiva e democrática. Além disso, convém verificarmos quais competências e habilidades podem ser desenvolvidas nos educandos ao inserir uma literatura marginal, fazendo com que aflore sua criticidade e sua criatividade, tratando temas nem sempre abordados na sala de aula, mas que se fazem necessários para uma sociedade mais empática e humana. Os vocábulos “educação” e “humanidade” e suas derivações serviram de norte para esta pesquisa.

BNCC – base nacional comum curricular e as minorias

Após a Proclamação da República, mais precisamente a chamada República Velha (1889-1930), houve várias reformas no ensino brasileiro que, através de uma extensa gama legislativa, regulamentaram a educação primária e secundária. Inoportunamente, no ano de 1931, o Decreto 19.890² propôs outra reforma com as fina-

2. Disponível em: <Decreto 19890/31 | Decreto no 19.890, de 18 de abril de 1931, Presidência da República (jusbrasil.com.br)>. Acesso em: 24 junho 2022.

lidades de formação integral e preparação para o ensino superior. Mais tarde, no período da Ditadura Militar, com a Lei nº 5.692/71³ houve outra mudança no ensino, tornando-o profissionalizante, na época o Ensino Médio denominava-se 2º grau.

Com o fim da Ditadura Militar e o restabelecimento da democracia, ocorre a aprovação da nova Constituição Federal do Brasil, de 1988. Em seguida há a aprovação da nova LDB 9394/96, propondo que o Ensino Médio seja a etapa final da educação básica com algumas finalidades:

[...] I - a consolidação e o aprofundamento dos conhecimentos adquiridos no

II - a preparação básica para o trabalho e a cidadania do educando, para continuar aprendendo, de modo a ser capaz de se adaptar com flexibilidade a novas condições de ocupação ou aperfeiçoamento posteriores;

III - o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico;

IV - a compreensão dos fundamentos científico-tecnológicos dos processos produtivos, relacionando a teoria com a prática, no ensino de cada disciplina [...] (BRASIL, 2018, p. 464).

As Diretrizes Curriculares trazem concepções gerais, mas também apresentam detalhes para cada etapa do ensino, implementam estratégias de participação coletiva da comunidade no planejamento escolar e, em sua gestão democrática, oferecem direito à formação humana, cidadã e profissional.

A criação da BNCC ocorre com o objetivo de acabar com as discrepâncias existentes no país, já que os currículos escolares divergiam de maneira significativa. Além disso, essa base objetiva

3. Disponível em: <http://www.pedagogiaemfoco.pro.br/15692_71.htm (perspectivasustentavel.com.br)> Acesso em: 24 junho 2022.

uma maior permanência do aluno no colégio e a preparação de um projeto de vida que visa a atuação na sociedade.

A primeira versão da BNCC foi disponibilizada em 16 de dezembro de 2015 e em abril de 2017 o MEC entrega sua versão final ao Conselho Nacional de Educação (CNE)⁴ mas foi apenas em 2018 que foi entregue a BNCC do Ensino Médio.

No que diz respeito à pluralidade na escola “[...] este documento normativo aplica-se exclusivamente à educação escolar [...] e está orientado pelos princípios éticos, políticos e estéticos que visam a formação humana integral e a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva [...]” (BRASIL, 2018, p. 7). Verifica-se então, que logo no início do documento, a intenção é a formação de sujeitos capazes de construir uma sociedade mais igualitária.

No tocante ao Ensino Médio, a BNCC diz que “cabe às escolas de Ensino Médio contribuir para a formação de jovens críticos e autônomos, entendendo a crítica como a compreensão informada dos fenômenos naturais e culturais, e a autonomia como a capacidade de tomar decisões fundamentadas e responsáveis” (BRASIL, 2018, p. 463), mencionando ainda que as experiências dos alunos devem proporcionar saberes que promovam o respeito aos sujeitos e seus direitos, considerando também, a formação da sociedade mais justa e igualitária. Os espaços escolares, de acordo com o documento, devem garantir e valorar:

a não violência e o diálogo, possibilitando a manifestação de opiniões e pontos de vista diferentes, divergentes ou conflitantes; o respeito à dignidade do outro, favorecendo o convívio entre diferentes; o combate às discriminações e às violações a pessoas ou grupos sociais; a participação política e social; e a construção de projetos pessoais e coletivos, baseados na liberdade, na justiça social, na solidariedade e na sustentabilidade. (BRASIL, 2018, p. 465-466).

4. Disponível em: <Histórico (mec.gov.br)> Acesso em: 24 junho 2022.

A BNCC está dividida em áreas do conhecimento, sendo que língua portuguesa e literatura fazem parte da área de Linguagens e suas Tecnologias que tem por objetivo a “**ampliação da autonomia, do protagonismo e da autoria nas práticas de diferentes linguagens**; na identificação e na crítica aos diferentes usos das linguagens, explicitando seu poder no estabelecimento de relações; **na apreciação e na participação em diversas manifestações artísticas e culturais** [...]” (BRASIL, 2018, p. 470 – *grifo nosso*)

Diante da necessidade de uma perspectiva contemporânea de ensino, a BNCC aborda a questão dos temas contemporâneos chamados “transversais” os quais agem “integrando diversos conhecimentos e ultrapassando uma concepção fragmentada” (BRASIL, 2019, p.3). Com isso, “espera-se aumentar o interesse dos estudantes durante o processo e despertar a relevância desses temas no seu desenvolvimento como cidadão” (BRASIL, 2019, p. 3). Tais temas são divididos em seis macroáreas temáticas⁵, sendo que uma delas é denominada “Multiculturalismo” que aborda assuntos como a diversidade cultural e a educação para a valorização do multiculturalismo, o que dialoga com o tema proposto por nós.

No sentido de situações laborais colaborativas, a BNCC elenca algumas situações para a articulação entre as áreas de literatura e artes, a princípio, é no núcleo de criação artística, que:

[...] se desenvolvem processos criativos e colaborativos, com base nos interesses de pesquisa dos jovens e na investigação das corporalidades, espacialidades, musicalidades, textualidades literárias e teatralidades presentes em suas vidas e nas manifestações culturais das suas comunidades, articulando a prática da criação artística com a apreciação, análise e reflexão sobre referências históricas, estéticas, sociais e culturais (artes

5. Disponível em: <guia_pratico_temas_contemporaneos.pdf (mec.gov.br)> Acesso em: 25 junho 2022.

integradas, videoarte, performance, intervenções urbanas, cinema, fotografia, slam, hip hop etc.). (BRASIL, 2018, p. 472)

Sendo assim, a BNCC menciona que “cabe aos sistemas e redes de ensino, assim como às escolas, em suas respectivas esferas de autonomia e competência, incorporar aos currículos e às propostas pedagógicas a abordagem de temas contemporâneos que afetam a vida humana em escala local, regional e global, preferencialmente, de forma transversal e integradora [...]” (BRASIL, 2018, p. 19).

Finalmente, os PCNs apresentam disposições mais específicas para a implementação das Diretrizes não obrigatórias. Nesse sentido, acabam abrangendo todas as atividades do Planejamento das aulas, de modo mais detalhado. Esse documento traz mecanismos norteadores para os Ensinos Fundamental e Médio, possuindo como objetivo principal a garantia de que toda comunidade educacional brasileira, independentemente de sua condição socioeconômica, desfrute dos conhecimentos que são indispensáveis para sua formação integral. Nesta seção, resumidamente, apresentaremos as bases legais, e o que o documento versa sobre a área de Línguas, Códigos e suas Tecnologias.

O intento, neste momento, é elencar as bases legais que nortearam a criação do referido documento, assim como, mencionar a organização do Ensino Médio diante da reforma proposta pelo Ministério da Educação, objetivando desenvolver ações na área. Diante de um contexto de uma educação baseada no acúmulo de informações, os Parâmetros “(...) cumprem o duplo papel de difundir os princípios da reforma curricular e orientar o professor, na busca de novas abordagens e metodologias” (BRASIL, 2018, p. 4). Assim:

Propõe-se, no nível do Ensino Médio, a formação geral, em oposição à formação específica; o desenvolvimento de capacidades de pesquisar, buscar informações, analisá-las e selecioná-las; a capacidade de aprender, criar,

formular, ao invés do simples exercício de memorização. (BRASIL, 2018, p. 5).

A lei que respalda a proposta da reforma do Ensino Médio, é a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.395/96)⁶ a qual denomina o Ensino Médio como parte final da educação básica, com duração de no mínimo três anos, e dentro desse quadro, a Ementa Constitucional nº 14/96⁷: “(...) modificou a redação desse inciso sem alterar o espírito da redação original, inscrevendo no texto constitucional “a progressiva universalização do ensino médio gratuito”. (BRASIL, 2018, p. 9). Assim sendo:

O Ensino Médio passa a ter a característica da terminalidade, o que significa assegurar a todos os cidadãos a oportunidade de consolidar e aprofundar os conhecimentos adquiridos no Ensino Fundamental; aprimorar o educando como pessoa humana; possibilitar o prosseguimento de estudos; garantir a preparação básica para o trabalho e a cidadania; dotar o educando dos instrumentos que o permitam “continuar aprendendo” [...] (BRASIL, 2018, p.9).

O esperado, portanto, é a priorização da formação do pensamento crítico, para que o alunado consiga se desenvolver com autonomia, tornando-se assim, cidadãos éticos, evitando as desigualdades, diante do desenvolvimento pleno de todos.

Ainda sobre a LDB nº 9.394/96, considerando a necessidade de registrar os incisos pertinentes a esse trabalho, o Art. 3º dispõe alguns princípios que embasam a intenção do proposto aqui. São eles:

[...] II – liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber;

III – pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas;

IV – Respeito à liberdade e apreço à tolerância; [...]

6. Disponível em:<lei 9394.pdf (mec.gov.br)> Acesso em: 25 junho 2022.

7. Disponível em:<ecn1496.doc (mec.gov.br)> Acesso em: 25 junho 2022

X – Valorização da experiência extraescolar;

XI – vinculação entre a educação escolar, o trabalho e as práticas sociais. [...] (BRASIL, 2018, p.24).

Igualmente embasado na LDB 9.394/96, os PCNs delimitaram o documento em áreas específicas, destaca-se a área de “Linguagens, Códigos e suas Tecnologias”, situada na segunda parte do documento. Antes de comentar tais pontos, é importante salientar que o documento entende por linguagem: “a capacidade humana de articular significados coletivos e compartilhá-los, em sistemas arbitrários de representação, que variam de acordo com as necessidades e experiências da vida em sociedade [...]” (BRASIL, 2018, p. 5).

É no Ensino Médio que se agrupam adolescentes e jovens com diferentes questionamentos sobre a vida e sobre si, que vivem e convivem em variados contextos sociais e culturais. Nesse meio, a linguagem é indispensável para a participação na sociedade e na partilha de conhecimentos. Diante disso, os PCNs elencam algumas competências, uma delas refere-se ao: “(...) **respeito e preservação** das diferentes manifestações das linguagens utilizadas por **diferentes grupos sociais** em suas esferas de socialização [...]” (BRASIL, 2018, p. 9 - *grifo nosso*) e nessa competência, menciona-se que:

As linguagens, por suas características formativas, informativas e comunicativas, apresentam-se como instrumentos valiosos para se alcançar esses fins. Na escola, o aluno deve compreender a relação entre, nas e pelas linguagens, como um meio de preservação das identidades dos grupos sociais menos institucionalizados, e uma possibilidade de direito às representações desses frente a outros que têm a seu favor as instituições que autorizam a autorizar” (BRASIL, 2018, p. 9).

Afinal, encontra-se na citação acima o respaldo necessário dentro dos PCNs para a pesquisa efetivada neste artigo. Com respeito às maneiras com as quais os documentos abordam a plurali-

dade e a multiplicidade na educação, percebe-se a intenção de fornecer espaço para todos na escola. Contudo, em face do convívio com alunos em idade escolar, até mesmo através de experiências em sala de aula, muitas vezes o conhecimento ainda é exposto de maneira fragmentada, sem contexto próprio. No trato da literatura, seja ela brasileira ou portuguesa, clássica ou contemporânea, não se percebem leituras eficazes. Os autores eleitos para estudo de literatura ainda são os do cânone literário, sem espaço para outros (as) que poderiam estar elencados (as) nos planos de aula. Em relação aos alunos, raras vezes eles são os autores e protagonistas de seus aprendizados.

O exposto sobre e dos documentos oficiais se fez necessário como forma de evidenciar e atestar a necessidade de pesquisas de campo nas escolas brasileiras e a inserção efetiva de letramentos marginais, colocando os alunos classificados ainda como minorias (negros, mulheres, LGBTQ+ surdos, entre outros).

Em especial, esta pesquisa alerta que os alunos de periferia precisam ser protagonistas de seus saberes e aprendizagens. A escola deve proporcionar um espaço de respeito e trocas mútuas entre alunos, professores e comunidades. Também há o intuito de comprovar que é possível trabalhar com literatura brasileira, mais precisamente a poesia, que está inserida nos currículos escolares, dentro da perspectiva do Rap.

Mas o que o RAP nacional tem a ver com a escola?

Antes de iniciar o debate sobre o lugar do Rap na escola, faz-se necessária uma contextualização de como e quando esse movimento chegou ao Brasil, tratando apenas em esfera nacional e tendo em

vista que ele faz parte da vida da grande maioria dos brasileiros a partir das décadas de 80 e 90, independente se aceito ou não, pois o Rap possui uma bagagem extensa relacionada ao preconceito sobre o gênero.

Esse estilo musical não é apenas uma batida diferente, uma expressão artística. Ele tem uma forte abordagem de crítica social, com temas que variam entre racismo, homofobia, machismo, assuntos que contradizem as mazelas governamentais e abordam todo tipo de violência. O Rap entrou em cena para desmistificar a música, já que esta era tida como algo superior, algo que apenas pessoas “iluminadas” por uma sabedoria divina, seja talento ou até mesmo um dom, poderiam compor e como sempre, voltada apenas para uma parcela muito restrita da sociedade. Pode-se dizer que o Rap retoma uma das funções que a literatura tem nas sociedades letradas e o faz: “(...) sem demarcar espaços de separação entre o produtor autorizado do texto literário e o consumidor deste. Em outras palavras, o rapper torna-se o literato, no sentido exato da palavra, conquistando o direito de se exprimir pela palavra” (SOUZA, CORTI, MENDONÇA, p. 19). Segundo Teperman (2015):

Gestado nas festas de rua de bairros pobres e predominantemente negros, o rap é uma música que nasce marcada social e racialmente – e que faz dessas marcas sua bandeira, sem que isso tenha impedido de se tornar objeto de interesse no mundo todo. O rap hoje é ouvido e produzido nos quatro hemisférios. (TEPERMAN, 2015, p. 5).

O termo Rap significa “*rhythm and poetry*”, ou seja, uma junção de ritmo e poesia. Aqui percebemos de início a relevância do gênero para o artigo. De acordo com Jefferson Evandro Machado Ramos, no website Sua Pesquisa⁸

8. Disponível em: <RAP - história, resumo das características e estilo - Sua Pesquisa> Acesso em: 15 JUL 2022.

o rap surgiu no Brasil em 1986, na cidade de São Paulo. Os primeiros shows de rap eram apresentados no Teatro Mambembe pelo DJ Theo Werneck. Na década de 80, as pessoas não aceitavam o rap, pois consideravam este estilo musical como sendo algo violento e tipicamente de periferia.

Devido a alguns não aceitarem o estilo musical, muitos *rappers*⁹ precisaram rebater as duras críticas e discriminações daquelas que acreditavam que o Rap não era música, pois diziam que as letras incitavam à violência e aos crimes. Ainda sobre o significado da palavra:

Outros MCs brasileiros defendem que rap é a sigla para “Revolução Através das Palavras”, e já foi dito que as três letras poderiam corresponder a “Ritmo, Amor e Poesia”. Mais do que explicações, essas são interpretações, e defender uma delas é uma espécie de alinhamento ideológico, que terá impacto no modo como essa música se situará no mundo social. (TEPERMAN, 2015, p. 11).

Brevemente referenciado, percebemos que o Rap é um importante aliado para o letramento dos alunos, principalmente na disciplina de língua portuguesa, porque aborda ritmo e poesia em letras que falam sobre o cotidiano e vários outros temas sociais. Independentemente de como seja traduzida a etimologia da palavra Rap, percebe-se que o intuito é fazer poesia, colocando em xeque o conservadorismo literário, que reconhece como poeta apenas os escritores renomados.

Cabe à escola e à sociedade fazer com que as culturas sejam colocadas em evidência, não apenas os letramentos escolares canonicizados, porque percebemos muitas vezes, para além da pobreza e falta do básico, que para alguns alunos a escola não faz sentido, pois não dá espaço para essas pessoas, principalmente as: pobres,

9. Disponível em: <Significado de rapper: Aquele que canta rap, cantor de rap (dicionarioinformal.com.br)>. Acesso em: 15 JUL 2022.

negras e periféricas. Não aborda, de modo eficaz, questões sobre suas vidas, suas linguagens e culturas, muito menos dá espaço para que elas próprias possam fazê-lo.

Diante disso, deve-se pensar a sala de aula como um local para além do ensino de língua materna, refletir quem são os sujeitos que fazem parte dela, quem são os indivíduos que os professores e as escolas convivem diariamente. Por isso é necessário um letramento que visa uma prática pedagógica que envolva os alunos que se sentem fora da roda de conversa, propondo atividades que contemplem todos sem distinção, pois: “[...] se quisermos sobreviver como cidade, sociedade e civilização, é preciso voltar nossa atenção para essas populações historicamente excluídas e mais, que estão nas mãos de um Estado e polícia cuja ação conjugada tem sido pautada pela violência e arbitrariedade.” (AMARAL, 2016, p. 229). De acordo com Souza, Corti e Mendonça (2012):

Assim, para refletir sobre a educação dirigida aos jovens, é necessário, em primeiro lugar, compreender quem são eles, o que fazem, o que pensam, o que esperam e o que sentem diante do conhecimento. Com a leitura, não é diferente: indagar-se sobre o jovem leitor ou não leitor implica, antes de qual quer coisa, saber quem é este jovem, o que ele lê, onde, quando e por quê, bem como descobrir o que ele não lê, e os motivos desse distanciamento. (SOUZA, CORTI, MENDONÇA, 2012, p. 17).

Tendo em vista que Rap é a junção das palavras “ritmo e poesia”, e que esse estilo musical é marginalizado, resta questionar: o que é poesia marginal? Segundo o E-dicionário de Termos Literários de Carlos Ceia, a poesia marginal:

(...) aplica-se aqui a um fenômeno específico que surge na poesia brasileira, em fins dos anos 60, nos rastos do *boom* da Música Brasileira (MPB) (...) ‘poesia-marginal’ brasileira resultou de um determinado comportamento antissistema e que nasceu no clima tropicalista, “sala-da-de-frutas” ou “geleia geral” que envolveu, ao mesmo

tempo, o público “roqueiro” e o intelectualizado. (...) a poesia marginal identifica-se não só como produção “fora do sistema” (como várias outras manifestações da literatura e da arte), mas por sua intencionalidade de contestação pelo “desbunde”, pelo palavrão, pela apologia do lado sórdido da vida. (COELHO, 2009)

Utilizaremos esse conceito para pensar o Rap dentro das culturas juvenis como agência de letramento, pois os sujeitos na escola trazem conhecimentos de mundo e nas letras há a denúncia de desigualdades, racismos, e as práticas antirracistas devem passar pela linguagem. Desse modo:

O conhecimento da realidade apareceu como questão vital para os rappers paulistanos em toda a sua trajetória. Internamente empenharam-se no sentido de compreender a história da diáspora negra no novo mundo. Sabiam que pela educação formal esse objetivo não poderia ser alcançado, ao contrário, a experiência educacional apenas confirmara o silenciamento sobre as práticas políticas e culturais relativas aos afrodescendentes. Nesse momento os rappers enfatizaram que o “autoconhecimento” é estratégico no sentido de compreender a trajetória da população negra na América e no Brasil. (SOUZA, CORTI, MENDONÇA, 2012, p. 29).

Letramento, numa definição literária, “é uma prática social e, como tal, responsabilidade da escola. Cosson (2021) enfatiza: A questão a ser enfrentada não é se a escola deve ou não escolarizar a literatura (...) mas sim como fazer essa escolarização sem descaracterizá-la, sem transformá-la em um simulacro de si mesma que mais nega do que confirma seu poder de humanização” (COSSON, 2021, p. 23). Visando caracterizar o poder humanizador que a literatura possui, também se faz necessário destacar aqui o que a autora Ana Lúcia Silva Souza entende sobre letramentos de reexistência, tendo em vista analisar o Rap como um gênero diaspórico,

sendo os alunos, dentro desse conceito, os próprios agentes do letramento. A autora afirma que:

Os letramentos da reexistência mostram-se singulares, pois, ao capturarem a complexidade social e histórica que envolve as práticas cotidianas de uso da linguagem, contribuem para a desestabilização do que pode ser considerado como discursos já cristalizados em que as práticas validadas sociais de uso da língua são apenas as ensinadas e aprendidas na escola formal. (SOUZA, 2011, p. 36).

O trabalho de campo que realizamos com os alunos objetivou, como aqui mencionado, a análise de letras de músicas, visando o desenvolvimento da criticidade do alunado. E, a partir da escrita, ofereceu a oportunidade da elaboração de letras de canções, baseadas na métrica própria do Rap, visando comprovar que esse gênero, além de musical, é também literário que pode ser usado amplamente pela escola, para dar espaço a todos os alunos, fazendo com que eles se sintam livres para verbalizar seus sentimentos, seus conhecimentos de mundo, suas culturas e afins.

Fazer letramentos de reexistência é também indagar o fazer político, repensar as políticas educacionais e acima de tudo, saber quem são os sujeitos que fazem parte do sistema escolar. Assim, através da interação da escola-professor-aluno, os próprios professores terão suas identidades reformuladas, pois tal como pontua Cosson (2021):

(...) a experiência literária não só nos permite saber da vida por meio da experiência do outro, como também vivenciar essa experiência. Ou seja, a ficção feita palavra na narrativa e a palavra feita matéria na poesia são processos formativos tanto da linguagem quanto do leitor e do escritor (COSSON, 2021, p. 17).

O palco: o colégio e a professora e os alunos

No âmbito escolar, sabemos que teoria e prática são conceitos que deveriam ser trabalhados em conjunto, porém, muitas vezes ambos não conseguem entrar em concordância, devido a muitos fatores, como o local em que a escola está inserida, a falta de apoio governamental, a participação dos alunos, o modelo pedagógico adotado, a falta de interesse de alguns profissionais, entre outros fatores que tornam inviável a relação entre o que se espera da escola a partir dos documentos oficiais e o que realmente acontece em sala de aula.

Até aqui, propusemos o que poderia ser realizado em classe utilizando o Rap como recurso para ensinar literatura. A partir disso, nosso trabalho seria colocar em prática o proposto, e assim realizamos através de uma sequência didática (ANEXO I), que será detalhadamente descrita. Antes, convém contextualizar o colégio o qual foi o campo de pesquisa e a professora que cedeu as aulas para que a sequência pudesse ser realizada.

O cotidiano do colégio possui certas regras, diferentemente dos colégios estaduais tradicionais, e essas estão dispostas no Manual dos Colégios Cívico-Militares, regras que vão desde a chamada “formatura” as quais “são realizadas diariamente no primeiro horário. Ao chegar na instituição, o estudante deve se dirigir para o local da formatura e entrar em forma dentro da sua turma” (Manual dos Colégios Cívico-Militares, p. 19) até os uniformes, que possuem distinções quanto à forma e ao uso: uniforme formal, composto de boina, camisa manga azul clara e alguns adornos específicos, calça comprida e jaqueta – calçado, meia e cinto, não sendo distribuídos pela SEED; uniforme esportivo, o qual é utilizado apenas nos dias que terão aula de educação física, sendo composto por casaco espor-

tivo, calça esportiva, camiseta e moletom. Ambos os uniformes são padronizados.

Padronizados são também, os quesitos da apresentação individual, diferentes para meninos e meninas, pois de acordo com o Manual, “a apresentação individual é um dos pontos considerados de grande importância dentro do Programa das Escolas Cívico-Militar do Paraná. Engloba o uniforme, a padronização do cabelo e o uso de adornos. Está inserido nos aspectos educacionais relacionados com a higiene, boa aparência, sociabilidade, postura, dentre outros.” (Manual dos Colégios Cívico- Militares, p. 12).

Não há necessidade de listarmos as obrigatoriedades em relação aos critérios estabelecidos em relação ao cabelo, adornos, maquiagens, unhas e outras prescrições diversas, pois são vários. Convém apenas mencionar que os critérios são variados e com muitas proibições, o que nos causou certo estranhamento e desconforto, assim como torna ambíguo o próprio Manual, pois ele afirma que “as orientações referentes ao uso do uniforme e aos aspectos de apresentação pessoal não pretendem excluir e nem restringir a liberdade pessoal, mas sim criar uma identidade visual do estudante e, ao mesmo tempo, estimular a sensação de pertencimento ao ambiente escolar.” (p. 12)

Não há sensação de pertencimento se o aluno é proibido de ser o que é, se há restrição quanto à maneira de utilizar o cabelo, isso referindo-se às meninas, o qual deve ser preso diariamente, assim como a utilização de cores artificiais, pois sabemos que a individualidade não é respeitada quando é proibido de manifestar seus gostos pessoais. Lendo o Manual, como professora, a sensação de exclusão foi imensa, tendo em vista que tinjo meu cabelo com cores artificiais visto que, no momento da prática da sequência didática, estava com a cor rosa.

No colégio, os toques (ou sinos/ sinais) que sinalizam a passagem de uma aula a outra são hinos cívicos: o Hino Nacional, o Hino do Paraná e outros. Os estudantes, mais precisamente os líderes de turma escalados para a semana, devem apresentar a turma aos professores que assumem as aulas subsequentes, devendo prestar continência em nome da turma ao professor. Ainda em relação à continência: “os estudantes são estimulados a cumprimentar a todos dentro da instituição (diretores, professores, monitores etc.) com a continência individual” (p. 19).

Independente de nossas impressões sobre as regras do colégio, respeitamos as peculiaridades da instituição. Lima (2008) comenta a respeito:

É importante lembrar que cada escola tem um jeito especial, específico de conduzir o seu cotidiano e sua organização e de se posicionar diante das questões e desafios que surgem. (...) no interior da escola se fazem acordos, negociações e se estabelecem regras próprias que regulamentam tanto seu funcionamento burocrático, como as concepções, crenças e valores das pessoas que fazem seu coletivo. (LIMA, 2008, p. 199).

Em relação à professora Naila Muller, professora de língua portuguesa, a qual acompanhamos em uma aula de observação e 8 de regências”), mostrou-se uma profissional muito prestativa, acolhedora, interessada em relação ao assunto que trataríamos, tanto que participou das aulas, ajudando-nos com os alunos, interagindo e dando opiniões. Sua presença durante as práticas, causou-nos certa segurança, pois nos garantiu que teríamos o apoio necessário para o que precisássemos, o que realmente aconteceu, fato que será mencionado mais adiante. O que permitiu que eu mesma encontrasse o meu lugar no colégio. Lima (2008) considera:

Há grande necessidade de que o estagiário encontre o seu lugar na escola, dentro das relações de que participa e que o Estágio inclua no seu projeto uma proposta de

mudança de enfoque, sugerindo que os alunos reconheçam sua própria presença e o seu papel no local do estágio, em vez de focalizarem suas atenções apenas nos fracassos encontrados. Dessa forma, o período do Estágio/ Prática de Ensino, mesmo que transitório, pode tornar-se um exercício de participação, de conquista e negociação sobre as aprendizagens profissionais que a escola pode proporcionar. (LIMA, 2008, p. 200-201).

É de extrema necessidade que os professores das escolas e colégios públicos que venham a aceitar estagiários e pesquisadores, como foi o nosso caso, sejam receptivos e proporcionem um espaço de troca mútua, um local que possam se sentir integrantes daquele espaço, pois sabemos que é por pouco tempo, mas se torna uma experiência muito marcante para o acadêmico.

Aplicação: e aí, deu certo ou não?

Depois de seguirmos juntos todo este caminho, chegamos ao momento que esperamos, que é o de descrever o que aconteceu no colégio com a proposta da sequência didática. Até aqui, ainda chamávamos de Projeto Rap e Poesia, ou Sequência Didática sobre o Rap e Poesia, pois ainda não tínhamos certeza do êxito. Isso dependeria de muitos fatores, além da escolha e aceitação do colégio e da professora. Faltava a aceitação por parte dos alunos, isso nos causava certo entusiasmo, ao mesmo tempo, certo nervosismo em pensar sobre o que poderia dar errado, e como contornaríamos a situação. Um projeto de pesquisa em sala de aula é passível de erros e acertos, é algo que sua aceitação se torna completamente subjetiva, pois sua finalização depende da participação de todos.

Segunda-feira, 12 de agosto. Fomos ao colégio para darmos início à observação da sala a qual aplicaríamos a sequência. À princípio tínhamos em mente os 1^{os} anos do Ensino Médio A e B, porém

houve divergência de horários pois, devido à falta de organização do próprio colégio, estavam outros estagiários que também observavam as mesmas turmas, tornando inviável a presença de mais uma acadêmica em sala de aula. Então, a professora Naila sugeriu que observássemos a turma do Ensino Médio 1º ADM, porém, ficamos um tanto desconcertados pois o intuito seria fazer uma batalha de Raps ao final da sequência com as duas turmas.

Mudança de planos repentina, mas que aceitamos e, para nossa surpresa, não poderia ter sido melhor. Uma turma de 36 alunos (35 participaram do projeto) que se mostraram receptivos, entusiasmados, até mesmo curiosos. Percebemos que, apesar das conversas paralelas, prestavam atenção ao que era dito pela professora e escreveram o que foi solicitado para eles como atividade durante a aula, que era a elaboração de uma poesia. Percebemos que estávamos dentro do programa da professora em relação ao conteúdo, o que nos motivou um pouco mais.

À princípio planejamos 6 aulas com 50 minutos cada uma, e acreditamos que seria suficiente para colocarmos em prática o que estava proposto. Nossos objetivos com a sequência didática seria de provocar a reflexão sobre a relação da música com a poesia, ritmo e palavra, por meio da leitura, escuta e análise de músicas de Rap nacional. Para isso, apresentaríamos a contextualização de como se deu a produção e recepção do Rap nacional, assim como relembrar os conceitos de poesia e poema, poesia marginal e suas estruturas, como rima, métrica e outros. Ao final, conduziríamos os estudantes à produção de letras de Rap, as quais seriam apresentadas em sala pelos mesmos. Assim propomos, assim realizamos.

Na segunda-feira, 05 de agosto de 2022, iniciamos os trabalhos com os alunos. Convém mencionar que estava um dia chuvoso, causou-nos certa ansiedade. Pensávamos em como seríamos recebidas por eles. Chegamos ao colégio, fomos até a sala de aula, esperamos

a apresentação da turma à professora pelo aluno que estava incumbido da tarefa, e entramos. Nas segundas-feiras eles possuem duas aulas consecutivas de língua portuguesa as quais iniciam-se às 10h50 e encerram às 12h.

O mesmo aluno responsável pela turma ajudou-nos com a utilização do multimídia para que pudéssemos expor dos slides no PowerPoint (ANEXO 2). Apresentamo-nos novamente e explicamos-lhes a pertinência do projeto para o ensino de literatura. Antes de iniciarmos o conteúdo, propusemos um acordo para uma boa convivência. Chamamos de *Acordo Democrático* e dissemos que seria realmente um acordo, não regras, pois um acordo ambas as partes precisam cumprir o estabelecido, e esse fez menção ao respeito pelas opiniões, levantar a mão para falar e esperar sua vez, não interromper o colega nem a professora, e solicitamos que assinassem o acordo se assim concordassem.

Para inseri-los no assunto, perguntamos que estilo musical geralmente eles ouvem no dia a dia, e as respostas foram as mais variadas: funk, rap, rock, heavy metal e poucos ouvem sertanejo e outros estilos. Entregamos um encarte (ANEXO 3) aos alunos com as letras de Rap, das quais eles deveriam ouvi-las e após, escolher uma delas para ser analisada na próxima aula.

Perguntamos também aos estudantes o que é Cultura nas suas concepções. Uns disseram que cultura seria tudo o que faz parte de um povo, outros que, cultura era aquilo que a mídia mostrava, ainda alguns disseram que cultura era toda manifestação que uma sociedade considerava como “verdade” para aquele povo. Ficamos satisfeitas com esta última resposta, não por estar certa, mas por poder, a partir da palavra “verdade”, mostrar algumas imagens de um slide, onde havia uma imagem de Caetano Veloso, uma indígena, um grafite, a Monalisa e uma foto com alguns Rappers.

Com isso, perguntamos novamente: Por que algumas pessoas consideram o quadro de Monalisa mais cultural que uma parede com grafite? Por que consideram que as músicas de Caetano Veloso têm aparato para serem inseridas como cultura brasileira, e as dos rimadores não? As respostas foram quase unânimes, pois responderam que isso era devido ao preconceito, falta de conhecimento das pessoas sobre as outras formas de manifestação cultural dos povos, e assim, pudemos responder a eles que a cultura diz respeito ao humano, tal como aborda Santos (2006):

[...] ao discutirmos sobre cultura temos sempre em mente a humanidade em toda a sua riqueza e multiplicidade de formas de existência. São complexas as realidades dos agrupamentos humanos e as características que os unem e diferenciam, e a cultura as expressa. Assim, cultura diz respeito a humanidade como um todo e ao mesmo tempo a cada um dos povos, nações, sociedades e grupos humanos.” (SANTOS, 2006).

Portanto, tudo o que faz parte de uma sociedade é considerado cultural, seja estilo musical, linguagem, costumes etc. Agradecemos a eles pela participação e continuamos a aula. A todo momento demonstramos gratidão a cada resposta dada, independente se estivesse correta ou equivocada.

Continuamos as reflexões e então, propusemos uma outra questão, visando uma participação mais dinâmica do grupo: “O que é Rap para você? Sintetize em três palavras”. Dois alunos foram chamados até a lousa para que nos ajudassem a escrever as palavras que foram sendo ditas pelos colegas. Eles não falaram as três palavras solicitadas, porém disseram uma ou alguma expressão, que se referiam ao tema. Essa atividade foi primordial, pois as palavras/expressões usadas para nos dizer o que era o Rap foram essenciais para que tivéssemos certeza de que até aquele momento, estávamos no caminho certo.

As palavras/expressões ditas foram: *protesto, crítica, parceria, eu gosto, forma de expressar os sentimentos, luta contra o preconceito, verdade, cor, início, significativo, estilo, ritmo, liberdade, luta, companheirismo, humanidade, inspiração, expressão* etc., e outras expressões como: *não sei, não consigo pensar em alguma coisa, não gosto*. Todos participaram, sem exceção. Percebemos nessa pequena dinâmica que se sentiram felizes por poder expressar o que pensavam, sem receio de responder algo que poderia ser considerado insatisfatório. Ou seja, com essas palavras percebemos o que é o Rap para a turma do 1º ADM.

Continuamos a aula e, não poderíamos deixar de perguntar-lhes: qual a importância da literatura? As respostas de alguns dos alunos foram: a literatura serve para expressar os sentimentos; ela é importante para conhecermos as histórias dos povos; qualquer texto pode ser literatura. A partir das respostas, apresentamos a seguinte concepção “(...) constitui uma forma de conhecer o mundo e os seres humanos (...) (MOISÉS, 2012, p.28) e (...) é fator indispensável de humanização (...). A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade a medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante”. (CANDIDO, 2011).

Após, perguntamos: é possível aprender literatura com as letras de Rap? As respostas foram quase unânimes, mencionaram que “podemos aprender literatura quanto outras matérias com as letras pois, em sua maioria elas fazem menção aos problemas da sociedade”. Então, inserimos a contextualização do Rap nacional, como meio da juventude expressar suas visões de mundo.

Não é oportuno transcrever todo o conteúdo comentado na aula, porém, é interessante mencionar que, o Rap surgiu a fim de utilizar a música como meio de transformação, sendo uma cultura de rua contestadora e que fala de assuntos que dizem respeito às

minorias sociais como, mulheres, LGBTS, negros etc. Independente do significado de “*rythm and poetry*”, decidimos adotar o significado: RITMO – ARTE – POESIA, tendo em vista a inserção das áreas que pretendemos estudar. Comprovamos ao final da contextualização, que o Rap pode ser utilizado como recurso pedagógico a partir do 5º elemento do *Hip-hop* – CONHECIMENTO - o qual foi acrescentado em 1980, pelo músico Afrika Bambaataa, com o intuito de reforçar a ideia do Rap como instrumento de transformação. Então o Rap tem a particularidade de ser um dos principais estilos musicais a discutir temas como o preconceito, violência, segregação social e a violência urbana.

Após contextualizar o Rap nacional, propomos que utilizassem o encarte de músicas entregue no início da aula. Com o intuito de proporcioná-los a experiência de escolher sobre qual tema gostariam de pesquisar e debater. Para tanto, elencamos cinco Raps nacionais, com temas diferentes e que fazem parte do contexto social no qual vivemos. O primeiro Rap que listamos foi “*Navio Negro*”, de Slim Rimografia, o qual aborda a questão da escravidão; o segundo escolhido foi “*Corpo sem Juízo*”, de Jup do Bairro, o qual trata dos crimes de homofobia, a partir de um relato de uma mãe; já o terceiro Rap que elencamos para que os alunos pudessem ouvir foi “*O Surto*”, do Mika, o qual traz em sua letra uma temática bem forte, mas muito atual, que é o suicídio; o próximo Rap, com a temática sobre o papel da mulher na sociedade, uma temática que não poderia faltar, foi “*Flor de Mulher*”, da Mc Luana Hansen; e por último, escolhemos o Rap “*Sucrilhos*”, de Crioulo, com a temática da desigualdade social.

Ouvimos os Raps com os alunos, solicitamos que prestassem atenção nas composições e que ao final, faríamos uma votação para a escolha da letra que seria analisada na próxima aula. Com 14 vo-

tos, música eleita foi “*Corpo sem Juízo*”, de Jup do Bairro (ANEXO 3), a qual tem como temática: HOMOFOBIA.

Por fim, solicitamos uma pesquisa aos alunos: a pesquisa seria realizada sobre o tema escolhido, e essa nortearia a discussão na aula subsequente. Na pesquisa deveria constar as referências e que estas fossem de sites confiáveis e seguros.

Na sexta-feira, dia 09 de agosto de 2022, das 10h às 11h40, iniciamos a terceira aula da sequência. O intuito era a análise da música escolhida e o debate sobre o tema HOMOFOBIA, o qual foi votado pelos alunos. Ao iniciar, perguntamos se haviam pesquisado, conforme fora solicitado na aula anterior. Dos que frequentaram o primeiro dia, onze deles haviam feito a pesquisa, três faltaram e dois, que não estavam nas primeiras aulas, se fizeram presente.

Perguntamos a eles como se sentiram ao realizar a pesquisa. A partir deste momento a aula foi emocionante. Não teríamos espaço neste livro para relatar fala por fala dos alunos, muito menos as sensações vivenciadas naquele momento. Percebemos em seus olhares que estavam felizes por poder dizer o que sentiam, confiaram em nós para relatar experiências, percebemos como que, por mais que alguns não haviam feito a pesquisa, ficaram emocionados com o relato dos colegas. Houve respeito mútuo, acreditamos que esse ponto foi o primordial. Cada um que queria um espaço para se manifestar, esperava sua vez e quando comentavam alguma coisa, os demais prestavam atenção. Ficamos impressionadas com a capacidade de argumentação e participação. Alguns dos que pesquisaram, disseram que se sentiram mal ao pensar na quantidade de pessoas que são assassinadas no Brasil, apenas por serem homossexuais.

Tivemos alguns relatos emocionantes, por exemplo, uma das alunas nos falou com muita emoção que, quando contou à sua mãe que era lésbica, essa disse que não aceitava uma “*coisa dessas na*

minha casa” e que *“isso era coisa de gente que não tem o que fazer”*. Chorou por um instante e conseguimos intervir, dizendo a ela que estávamos ali para ajudá-la no que fosse preciso, assim como existem pessoas que a amam e virão a amá-la da forma que ela é, e qualquer manifestação de preconceito, pode ser tratado criminalmente, pois ela não está sozinha nesta luta.

Outro relato que nos emocionou, foi de um outro aluno o qual é um rapaz trans, que teve, diferente da colega acima, a felicidade de possuir uma família acolhedora, o que tornou o processo de transição um pouco mais tranquilo. Outra vitória contada por ele, foi o direito a ter seu nome social nos documentos. Contou-nos em detalhes como se deu a transição, o que nos deixou completamente emocionados. Em sua pesquisa sobre a homofobia, esse aluno escreveu:

Vindo de um homem trans gay, eu tive a sorte de nunca ter sofrido trans e homofobia, mas o medo de sair na rua ainda persiste. A ansiedade, o medo, a angústia só de pensar em algum cenário de ser relacionado como aberração e ser julgado, cresce cada vez mais.

Ouvimos outros relatos dos alunos, disseram que no colégio não sofreram, nem presenciaram nenhuma manifestação homofóbica por parte de algum agente escolar, nem colegas. Na turma, além de lésbicas, havia 2 rapazes trans, por isso o tema tratado foi de extrema importância para inseri-los no ambiente escolar e para que percebessem que nos importávamos com o que pensavam. Até esse momento não havíamos iniciado a análise da música, pois os alunos estavam completamente envolvidos e participativos no debate.

Como mencionamos, a aula deveria acabar às 11h40. A próxima aula dessa turma seria Matemática Financeira. Eram 11h30 quando a professora Naila avisou-nos que havia trocado de horário com a professora, para que continuássemos o debate, pois, nas pa-

lavras dela “*estava sentindo pena em cortar o debate, pois os alunos estavam argumentando e contando suas vidas, o que geralmente não acontecia*”. Aceitamos e continuamos. Dificilmente pensaríamos que algo parecido pudesse ocorrer.

Uma alegria, uma sensação de dever cumprido apenas com esse *feedback* da professora, já havia feito todo o trabalho ter valido a pena. Mas ainda tinha muito a ser feito. Os alunos estavam eufóricos e nós, muito mais que eles. Iniciamos a análise da música, parte por parte, solicitamos que os alunos lessem os versos, e comentassem o que haviam entendido da letra. Assim, concluímos as terceira e quarta aulas da sequência, todos os alunos participaram e os que, por algum motivo não falaram, se mantiveram atentos ao que os colegas estavam dizendo, o que também configura uma grande participação. Havíamos preparado material e uma dinâmica para utilizar em aula, caso os alunos não desenvolvessem o debate, a qual não utilizamos pois, como mencionamos, a participação foi tamanha que, para utilizar o que foi preparado, precisaríamos de, no mínimo, mais duas aulas. As pesquisas foram entregues para que pudéssemos corrigir e dar a devolutiva.

Os relatos ouvidos em sala, a pesquisa realizada por eles, a análise da música, foram fundamentais para que os alunos se sentissem seguros no argumentar. Eles tiveram a oportunidade de presenciar como se sente uma pessoa homossexual que sofre preconceito, e outra que não passa pelos mesmos problemas. Além de ajudarmos para que conseguissem expressar o que pensam, demos a oportunidade para que pudessem desenvolver a empatia, algo que sentimos faltar nas pessoas ao redor. É importante salientar que, perguntamos a eles se o colégio proporcionava momentos de debates como esse para eles, e responderam que raramente acontecia e que, no ano, havia sido a primeira vez.

Iniciamos as 5° e 6° aulas no dia 12 de setembro de 2022, às 10h50. Entregamos as pesquisas com as devolutivas aos alunos e algumas considerações. Mencionamos que as aulas dessa segunda-feira, seria para comprovarmos que o Rap é ritmo e poesia. Nesse momento, a sequência já havia tomado forma e a denominamos “RAPOESIA”. O aluno que havia nos ajudado a utilizar o multimídia, nos ajudou novamente, e como havíamos formado uma amizade por sua contribuição, desde a primeira aula, chamamo-lo de “D.J.”.

Relembramos os conceitos de poesia e poema, apresentamos o de “poesia marginal”, assim como falamos um pouco sobre Paulo Leminski, o qual foi um dos representantes da desse gênero no Brasil, mencionamos que seu livro *Toda Poesia*, faz parte das obras literárias que são cobradas nos vestibulares da Universidade Estadual de Ponta Grossa.

Com os conceitos devidamente lembrados, iniciamos a análise estrutural da música escolhida pelos alunos, tendo em vista que as letras de Rap possuem estrutura própria. Para comprovarmos que o Rap é música e poesia, mencionamos que o conceito de música varia de sociedade para sociedade, de época em época e é “construído socialmente e não tem validade universal”. (TEPPERMAN, 2015, p. 45). Para que os alunos entendessem o Rap como gênero musical, o primeiro fato que precisavam saber é o que está descrito a seguir:

(...) trata do padrão rítmico da base sobre a qual serão construídas as rimas, o “*bum-clap*” (...) construída com bumbo (‘bum’) no primeiro e terceiro tempo e caixa (‘clap’) no segundo e quarto tempos do compasso quaternário. As rimas frequentemente acontecem no quarto tempo de cada par de compassos [...]. (TEPERMAN, 2015, p. 46).

Elencamos para os alunos alguns conceitos importantes ao se tratar do gênero Rap, como por exemplo, “a importância das rimas no rap é tão grande que o verbo ‘rimar’ é usado como sinônimo de

cantar (...)”. Ou seja, os MCs “(...) não cantam nem falam, mas rimam.” Outro conceito importante em relação às letras de Rap, são as rimas “de final” que “(...) caem no último tempo do compasso, sinalizando o término da linha poética” e o termo para esta escansão é denominado “*flow*”. (TEPERMAN, 2015, p.47). O autor argumenta:

Quando pensamos no *flow* do rap, estamos falando da maneira sincopada ou suingada de escandir as palavras. Um verso de rap é produto de um tipo de ritmo (aquele da linguagem) sendo ajustado a outro (o da música) – algo como uma levada da fala, uma fala cadenciada, ritmada. (TEPERMAN, 2015, p. 48).

Obviamente outras formas de construção de rimas são aceitáveis e atualmente são muito comuns, assim como a presença de refrão que é aceita, pois “uma característica formal do rap, não necessariamente obrigatória, mas bastante comum, é a ausência de refrão”. (TEPERMAN, 2015, p. 52). Conforme salienta o teórico:

Ao evitar os refrões, o rap se mantém constantemente em tensão. Considerando que os Raps costumam ter duração significativamente maior que a das canções populares de outros estilos (em geral em torno de três minutos) [...] (TEPERMAN, 2015, p. 52).

Os estudos de Teperman mencionam que, em geral, os críticos do gênero usam da falta de instrumentos musicais e a ausência de altura no canto falado para não considerar o Rap como gênero musical. De acordo com Teperman (2015, p. 54): “no caso do rap, a precariedade no uso das alturas pode ser entendida [...] como uma afirmação de estilo.” E em relação à falta de instrumentos musicais, o autor menciona que bastaria voltar aos anos de 1940, e lembrar tanto da música concreta e da música eletrônica, sendo que em tais: “gravadores e sintetizadores foram incorporados às práticas composicionais e interpretativas dos expoentes da chamada ‘música culta’”. (TEPERMAN, 2015, p. 54)

Não podemos esquecer de mencionar o que realmente faz do Rap um instrumento de transformação, o 5º elemento do *Hip-hop*: O CONHECIMENTO. Sendo assim, relembramos nas palavras do autor:

Afrika Bambaataa defende a importância do “quinto elemento” no hip-hop, o conhecimento, sua preocupação é chamar a atenção para o fato de que a música deve ser um instrumento de transformação. Nesse sentido, o rap não é um gênero musical “como outros” – afinal, muitos rappers reivindicam que o que fazem não é “apenas música”. Ou seja: não pode, por definição, ser compreendido só por seus elementos “internos”. (TEPERMAN, 2015, p. 54).

Com todas essas definições, conseguimos comprovar juntamente com os estudantes, que o Rap é muito mais que música. Demonstramos com a escansão da letra a qual escolhemos para analisar, que o Rap pode sim ser considerado um gênero textual para o ensino e aprendizagem de poesia. Os exemplos utilizados para comprovarmos o Rap como gênero musical e textual, anexaremos ao final do trabalho.

Solicitamos aos alunos, que formassem grupos para a elaboração das letras de Rap e os temas dos poemas foram escolhidos pelos grupos. O grupo 1, com seis integrantes, escolheu o tema “vivência nas ruas”; o grupo 2 se formou com sete integrantes, com o tema “suicídio”; já o grupo 3, formado por cinco alunas, escolheu o tema “homofobia”; o grupo 4, com seus quatro integrantes escolheram o tema “ilusão”; o grupo 5 ficou com 5 integrantes e “depressão” foi o tema eleito; por fim o grupo 6 e seus cinco integrantes, escolheram o tema “amor”.

Formados os grupos e escolhidos os temas, passamos os critérios para a escrita dos poemas, tendo em vista que seriam avaliados com a escrita e a rima dos Rapoesias. Solicitamos que o formato fosse uma balada, com três oitavas e uma quadra, com versos oc-

tossílabos, no mínimo, e alexandrinos, no máximo. Rimas sempre de final em posição alternada ou paralela. Esses critérios foram estabelecidos como forma de avaliarmos e comprovarmos na prática que o Rap é poesia.

Em relação às bases dos Raps, concordamos que poderiam ser utilizados ou não de acordo com o que combinassem entre seus grupos. Ficamos disponíveis para enviar as bases que possuímos, assim como, deixamo-los livres para utilizarem a qual preferissem. Entregamos uns pirulitos como agradecimento pela participação e assim, encerramos.

Combinamos, de antemão, com a professora Naila, que faríamos as apresentações no dia 19 de setembro, pois seria numa segunda-feira com duas aulas consecutivas, e assim realizamos. Nossa proposta era que iniciassem a produção dentro de sala de aula. Porém, como os alunos participaram ativamente das aulas, não tivemos tempo para a escrita inicial. Portanto, deveriam estar com os Rapoesias escritos e devidamente ensaiados. Objetivamos deixar estas duas aulas apenas para as apresentações.

O primeiro grupo a se apresentar, foi o Grupo 2. Combinaram entre eles que apenas uma aluna rimaria o Rap, e os outros ficariam juntos para apoiar. Porém, infelizmente haviam escolhido uma base que não encaixava nas rimas. Diante disso, foi preciso organizarmos uma estratégia, como forma de ajudá-los para que pudessem “ensaiar” antes de apresentar. Propusemos 15 minutos de “ensaio”, e assim, os grupos reuniram-se e fizeram os últimos retoques nos Rapoesias.

Passado esse momento, retomamos as apresentações. Novamente o Grupo 2 apresentou-se e, agora com a base certa, rimaram. A letra faz menção à vida de uma menina que, muito nova, sofreu uma desilusão amorosa, e por isso cometeu suicídio.

ELA NÃO QUERIA SOFRER

*Ela era uma adolescente, 15 anos de idade
Sua mãe lhe ensinou a ter generosidade
Acabou se apaixonando por um homem bem mais velho
Sua mãe lhe explicou e ela não quis ouvir o conselho
Ela muito apaixonada começou a namorar
E se entregou como uma forma de amar
Ela lhe contou que seu sonho era casar
E ele falou que só queria namorar.*

*Ela muito encantada foi morar na casa dele
Largou o ensino médio pra ficar com ele
Mas ele não deixava ela nem sair de casa
Logo foi reclamar pra sua mãe amada
A sua mãe falou: filha, volta pra casa
Ela falou pra sua mãe que só queria cuidar da casa
5 meses depois descobriu que estava grávida
Quando foi contar pra ele, ficou muito assustada*

*Ele disse pra ela que ela tava enganada
Falou pra ela que esse filho era da revoada
Ele a largou e ela voltou pra mãe
8 meses depois ela ganhou o seu menino
Era a cara do pai e ela entrou em depressão
O ex queira o filho e ela sofreu muita pressão
O filho dela tinha apenas um ano
Quando ela decidiu que precisava de outro plano.*

*De um viaduto ela preferiu se jogar
Em cima do caixão sua mãe prometeu
Que do seu filho iria cuidar
Como nos velhos tempos tinha uma criança pra amar.*

O próximo grupo a apresentar foi o Grupo 1. Quatro integrantes do grupo rimaram, dois preferiram não rimar, porém foram até a frente com o grupo. Escolheram uma base sincronizada com o *flow* e assim, fizeram uma ótima apresentação. O Rapoesia escrito composto pelo grupo fala sobre a vivência de um rapaz que foi acusado de assassinato

*Estava mais uma vez
Voltando do trabalho
Nem digo o que eu faço
É segredo de estado
Se eu falar também
Vou ser acusado
Quando ganhei din din
Comprei o meu carro.*

*Eu era criança
Não pensava em nada
Tiroteio começa
Eu me lembro disso
Não sou assassino
Tenho família em casa
Me enquadram por um
Me acusam por outro*

*Droga...
Não matei ninguém
A dor que eu causei
Não vale a que passei
Tô passando fome
Não estou brincando
Se eu fizer cagada
Não estou pensando*

*Confesso que vendo drogas
Mas eu juro por Deus
O maior prometeu
Eu não matei essa senhora.*

Seguimos as apresentações com o Grupo 6, e todos do grupo resolveram rimar. Combinaram de rimar sem base, e o tema escolhido foi o “amor”, pois, de acordo com eles, era um tema para quebrar um pouco o clima de violência e dor que pairou nas aulas anteriores por causa do tema homofobia.

POR VOCÊ

*Coração que para, para
Pra minha dama que sabe que nois vai para
Sabe que aqui nois te impressiona
Onde nois passa a gente domina a zona
Você sabe que não passa, passa
Apenas amor nessa quadra
Tu sabe que nois passa
A bola por toda essa quadra.*

*Pode não lembra do nosso passado
Mas sempre lembro daquele luar
Sei que eu estou chateado
Mas é porque ela não quis ficar
Tudo sendo fragmentado
Mas a gente tenta se lembrar
Do nosso amor aprisionado
Vai falar que não vai lembrar?*

*Você sabe que nois te impressiona
Você sabe que nois tá na cena
Roubando o coração das morenas
Sabe que são minhas rainhas*

*Lembro que sua cor favorita era vermelha
Sabe que entre nois tem um clima
Sabe que sempre tamo em batalha
Mas hoje tô afim de ficar na calma.*

*Sabe que eu era como Plutão
Até você vim do nada e estender a sua mão
Sabe que em Marte quero te ver
Sabe que com você quero permanecer.*

Chegou o momento de o Grupo 3 apresentar seu Rapoesia. O grupo formado por meninas, escolheu o tema “homofobia” para compor o poema. Três das integrantes se propuseram a apresentar, duas delas nos disseram que não tinham condições de apresentar devido o nervosismo.

Preferimos não fazer dessa, nem das demais atividades, algo obrigatório aos alunos. Procuramos tornar uma prática democrática e humana em sua totalidade, por isso entendemos os que preferiram não rimar, assim como, os que preferiram não participar no debate etc. Nossa proposta era inserir o aluno dentro do contexto das aulas, e para isso não concordamos em tornar a prática do Projeto Rapoesia como algo forçado ou com teor de obrigatoriedade.

HOMOFOBIA

*É, então, vamos para mais um dia
Sofrendo de novo com essa repudia
Isso tudo por um medo irracional
Mas afinal, amar já não é normal?
Por causa de um nojo sem razão,
Vindo de pessoas que não têm coração
A homofobia é crime sim
Não vem com papinho pra cima de mim.*

*O mundo voltou pra Idade Média
 Dominado por quem não lê a enciclopédia
 Se Jesus nos ensinou a amar
 Por que no inferno nois vai queimar?
 E cadê esses direitos humanos
 Que a gente precisa lutar pra ter
 Enquanto em governos tiranos
 Vocês conseguem só por nascer.*

*As lésbicas são sexualizadas
 Vistas como putas dessensibilizadas
 A travesti se prostituiu
 Porque um emprego não conseguiu.
 Dia a dia recebem um transporte,
 Gratuito e com destino para sua morte
 Homofóbicos não matam sem querer
 Mas é isso que fazem parecer.*

*Homofobia, violência ou agressão,
 Não podemos viver nessa tal desunião
 Não te devo nada, sai fora meu irmão
 Respeito é bom e é sua obrigação.*

O Grupo 5, composto por cinco integrantes, escolheu o tema “depressão”, para elaborar o Rapoesia do grupo. Decidiram todos ir até a frente para apresentar, mas apenas dois integrantes rima-ram, sem base.

THE REAL LIFE

*Não aguento mais ter que sofrer
 Eu queria aproveitar mais
 O que a vida tem de oferecer.
 Mano, eu só queria um pouco de paz
 Pensamentos ruins vêm intrrometer*

*Falta de motivação, estou incapaz
Na minha cama, me sinto apodrecer.
Eu quero sumir, sem ser deixado pra trás.*

*Quero por um fim nisso, sem sofrimento
Estou encorajado neste momento
Ninguém vai sentir minha falta
É ruim mas já deu a minha cota.
A luz no fim do túnel é um tormento
Estou sem controle, foi algo tremendo
Essa lâmina, o sangue me assalta
Bate forte, meu coração se exalta.*

*Não aguento mais ter que sofrer
Eu queria aproveitar mais
O que a vida tem de oferecer.
Mano, eu só queria um pouco de paz
Pensamentos ruins vêm intrometer
Falta de motivação, estou incapaz
Na minha cama, me sinto apodrecer.
Eu quero sumir, sem ser deixado pra trás.*

*Agora estou sem esperança
Com o tempo, criei insegurança
Perdido em uma escuridão
Vejo o mundo como um borrão.*

Finalmente o Grupo 4 fez sua apresentação. Também se utilizaram da estratégia de apenas um integrante do grupo rimar, mas com os demais juntos para dar um apoio e o tema proposto por eles foi “ilusão”. Para nossa surpresa, a aluna que se manteve em silêncio durante o dia do debate, raramente percebíamos suas expressões de aprovação e/ou desaprovação em relação a algum conteúdo, decidiu que rimaria pelo grupo, pois, nas palavras dela: “*eu tô ner-*

vosa, mais vou rimá, professora, porque eu não gostava de rap, mas agora eu acho legal. E eu não gosto de falá, mas gosto de cantá.”.

ILUSÃO

*Mundo bonito, mundo perfeito
Sem erros, sem segredos
Tudo é mentira, tudo é ilusão
Iludido no mundo, iludido na paixão
Em tudo que acreditamos
Nem tudo é real.
Ilusão pessoa que sonha
Por algo perfeito*

*Não sabe o que é a realidade
Pessoa sem juízo no que faz
Pessoa enganada, pessoa iludida
Iludido nos amigos, iludido na família
Iludido na sua própria vida
Tudo é mentira, tudo é ilusão
Você vê tudo uma prisão
Tudo no chão, fecha os olhos*

*Era ilusão
Tudo o que você vê
Nem tudo é real
Iludido no mundo
Iludido na paixão
Iludido nos amigos
Iludido na família
Iludido na sua própria vida.*

Para a escolha do melhor grupo, à princípio, procuramos fazer uma votação, porém, ou os estudantes votavam apenas no seu grupo, ou votavam em todos os grupos, ou não votavam. Nós

decidimos por não escolher, para não criar um clima de preferência ou exclusão. A correção dos Rapoesias deixamos para a professora Naila, pois precisaria de uma atividade avaliativa para compor a nota dos alunos, e nosso objetivo era incluir o Projeto Rapoesia em sala de aula, tendo como principal objetivo a participação mútua, e obtivemos êxito. Sendo assim, realizamos um sorteio, e o grupo contemplado foi o Grupo 6.

Como forma de deixar uma recordação para a vida dos estudantes, fabricamos artesanalmente *sketchbooks* decorados com o que os alunos mais gostam. Como premiação para o Grupo 6, cada integrante ganhou um exemplar da Literatura Brasileira em Quadrinhos, e um kit de papeleria. Foram presentes relativamente simples, mas feitos com todo carinho e gratidão.

Reflexões sobre o projeto rapoesia

Propor um projeto, uma sequência didática, é algo trabalhoso e envolve muita entrega. Além disso, depende da recepção dos alunos, do aceite da escola e mais ainda, de professores que estejam disponíveis a dar um voto de confiança para o trabalho no qual você se dispõe a investir. Tivemos a felicidade de lograr êxito em todos esses quesitos, ademais, saímos com a plena consciência de que podemos sim construir uma educação emancipadora e humana.

Porém, como em todo projeto, existem pontos que podem sempre ser melhorados, e reflexões que podem acrescentar conteúdo ao que já está proposto e torná-lo ainda melhor. Para isso, vamos refletir sobre nossos erros e possíveis reparos em relação ao Projeto Rapoesia, sem nos esquecermos que, estávamos com o tempo reduzido e apenas pudemos ter acesso à mais duas aulas pois, como

antes mencionamos, a professora Naila foi de extrema importância nos cedendo mais esse tempo com a turma.

Em relação à primeira e segunda aulas, para uma melhor fluidez de conteúdo, o necessário seria acrescentar, no mínimo, duas aulas para a contextualização do Rap nacional, pois infelizmente, devido à escassez de tempo, decidimos não comentar profundamente sobre os primeiros grupos de Rap brasileiros que foram os precursores do movimento no Brasil. Sendo assim, ficamos em déficit em relação à história dos Racionais MC's, que foi e é um dos mais renomados grupos de Rap nacional, entre outros que fizeram parte da história do Rap no Brasil. Tal como aborda Teperman (2015):

Criado em 1988, o Racionais rapidamente se firmou como o principal grupo de rap no Brasil. Desde 1984, Eivaldo Pereira Alves (Edi Rock) e Kleber Geraldo Lelis Simões (KL Jay) organizavam bailes e festas nas quebradas da Zona Norte. Na mesma época, os primos Pedro Paulo Soares Pereira (Mano Brown) e Paulo Eduardo Salvador (Ice Blue), moradores do Capão Redondo, na Zona Sul, haviam criado a dupla B.B. Boys (Black Bad Boys) e frequentavam o movimento no metrô São Bento. Por sugestão do produtor musical Milton Sales, as duplas se uniram e criaram o grupo Racionais MC's, cujo nome foi inspirado no lendário disco de Tim Maia, *Racional*. (TEPERMAN, 2015, p. 65).

Para não tornar uma aula tradicional e expositiva, poderíamos sugerir que, durante a aula, os alunos fossem autorizados a utilizar seus aparelhos celulares para que pudessem fazer uma busca rappers e/ou grupos de Rap nacional e que compartilhassem com os colegas o que encontrassem.

Retomando o que antes havíamos mencionado, no encontro seguinte, foi acrescida uma aula, devido ao fato de os alunos estarem participando efetivamente do debate que propomos, a partir do Rap escolhido por eles próprios, o qual possuía como temática a homofobia. Não consideramos um erro, pois, quando se propõe

preparar uma aula com foco em oralidade, não há como prevermos a participação integral dos estudantes, porque isso depende de um emaranhado de fatores que vão desde o conhecimento de mundo que eles possuem, do próprio interesse em participar da aula e até mesmo da nossa capacidade de mediação. No caso do Projeto Rapoesia, em se tratando de havermos solicitado uma pesquisa sobre o tema, mesmo que sem critérios específicos para esta, salvo a inclusão de referências, logo seria um meio para que eles possuíssem uma bagagem sobre o assunto para adentrar ao debate.

Tendo como objetivo a análise conteudista da letra do Rap, se considerarmos que as próximas turmas seriam participativas, assim como foram os alunos do 1º ADM, seria necessário o acréscimo de uma aula, pois conseguimos apenas analisar metade da letra da música, o que já foi válido, tendo em vista que a intenção era avaliarmos a capacidade argumentativa dos alunos, o que foi impressionante.

Nas próximas aulas, havíamos planejado relembrar os conceitos formais da poesia, ciente de que não necessitava adentrar em demasia no assunto, pois o tema fora estudado algumas aulas anteriores com a professora Naila. Haveria necessidade de acrescentar aula neste dia, pois os alunos não iniciaram a escrita em sala e decidimos deixar como atividade domiciliar, pois para o Projeto não teríamos tempo. Porém, considerando a mudança da data para as apresentações, possuiriam assim, uma semana para a produção, e o interesse primordial era utilizar as últimas aulas apenas para a conclusão, no caso do perfil do 1º ADM, no quesito participação e produção, confiamos que fariam um trabalho excelente.

Finalmente, no dia das apresentações, os estudantes estavam empolgados, alguns muito ansiosos, algo completamente compreensível, pois não era uma prática corriqueira compor e rimar um Rap. Esse fato chamou-nos a atenção pois, ao perguntarmos nos

primeiros encontros quais eram os estilos musicais que ouviam frequentemente, nas respostas incluíam o Rap, inclusive neste mesmo dia, uma das alunas estava com a camiseta dos Racionais MCs por baixo do uniforme e, um dos alunos, quando colocamos as músicas para ouvirem, ele rimava junto, sabia todas as letras, sua empolgação era perceptível.

Mencionamos acima que, ao iniciarem as apresentações, percebemos que o primeiro grupo havia escolhido uma base que não era sincronizada com o *flow* da letra. Por isso, nossa estratégia foi pausar por um momento, e solicitamos que os grupos “ensaiassem” antes de apresentar. Obviamente, não foi um equívoco nem nosso, nem dos grupos o fato de não pensarmos em um breve ensaio antes de apresentarem, mas foi um indício de que realmente os alunos não possuíam experiências com esse formato de apresentação, tendo em vista que, pelo que pudemos perceber, não tinham experiência com música.

Ressaltamos que os grupos elegeram suas dinâmicas para apresentar, como por exemplo, dois grupos preferiram que apenas um integrante rimasse a letra, outro grupo preferiu rimar sem base, assim como, no caso do grupo das meninas, duas delas nos comunicaram que não conseguiriam fazer a atividade, mas que haviam colaborado com a escrita da letra. De certa forma, todos participaram, todos colaboraram de alguma maneira, pois nosso objetivo era fazer uma atividade prazerosa e democrática.

Se fossemos os responsáveis por atribuir uma nota a cada grupo, realmente teríamos que levar em consideração os critérios para a elaboração previamente estabelecidos. Mas, novamente, devido ao fato de estarmos sem mais aulas disponíveis, optamos por deixar a correção a cargo da professora Naila. O correto para este tipo de atividade, seria a escrita das letras pelos grupos, as possíveis correções relacionadas aos critérios que antes estabelecemos

– como rima de final, formato balada etc. – e a reescrita, para após isso, iniciarem as apresentações. Ou seja, necessitaríamos de mais uma aula.

Essa aula acrescida seria de extrema importância no quesito premiação para o melhor grupo, ou seja, aquele que utilizou corretamente todos os critérios para compor o Rap. Não havíamos outorgado critérios para as apresentações, por isso, para o Projeto Rapoesia, não computaríamos ou retiraríamos nota caso um integrante do grupo resolvesse não rimar, ou caso apenas um rimasse. Nossos critérios estavam baseados na escrita do poema. Diante disso, para a premiação, resolvemos fazer um sorteio, assim tornou-se um resultado justo para todos.

Entre erros e acertos, o Projeto Rapoesia foi um sucesso. Todos os alunos participaram, todos escreveram ao menos alguns versos do Rap, todos participaram das apresentações dos colegas, e muito mais que isso, pudemos perceber a importância de fazê-los agentes de suas aprendizagens.

O Projeto Rapoesia objetivou propor um ensino literário a partir do Rap, e acreditamos que nesse quesito, logramos êxito. No entanto, o Projeto também poderia ser utilizado por outras disciplinas, e sobre isso recorreremos ao conceito de interdisciplinaridade presente no PCN+ Ensino Médio, que traz no documento este conceito com maior clareza, e essa nova proposta orienta a construção do trabalho pedagógico a partir da contextualização, da interdisciplinaridade e das competências e habilidades, sendo que:

Um trabalho interdisciplinar, antes de garantir associação temática entre diferentes disciplinas – ação possível, mas não imprescindível –, deve buscar unidade em termos de prática docente, ou seja, independentemente dos temas/assuntos tratados em cada disciplina isoladamente. Em nossa proposta, **essa prática docente comum está centrada no trabalho permanentemente voltado para o desenvolvimento de**

competências e habilidades, apoiado na associação ensino-pesquisa e no trabalho com diferentes fontes expressas em diferentes linguagens, que comportem diferentes interpretações sobre os temas/ assuntos trabalhados em sala de aula. Portanto, esses são os fatores que dão unidade ao trabalho das diferentes disciplinas, e não a associação das mesmas em torno de temas supostamente comuns a todas elas (BRASIL, 2002b, p. 21-22, grifo nosso).

Percebemos assim, que a interdisciplinaridade nos PCN+ objetiva o desenvolvimento das habilidades e competências comuns a todos os alunos. Um professor de História pode desenvolver um trabalho interdisciplinar com um professor de língua portuguesa, utilizando da mesma sequência didática que propomos para tratar de temas como a escravidão, a exemplo do Rap *Navio Negroiro*, do Slim Rimografia. Da mesma forma, este mesmo professor poderia propor um projeto com o professor da disciplina de Sociologia, utilizando o Rap *Sucrilhos*, de Crioulo, o qual tematiza a desigualdade social. A disciplina de Artes poderia ser acrescida em qualquer projeto ou sequência didática que se utilizasse do Rap como recurso. Um professor de língua portuguesa pode utilizar-se do mesmo esquema para propor um trabalho envolvendo além da literatura, como foi o nosso caso, gramática normativa, variação linguística, expressões idiomáticas, entre muitos outros temas/assuntos. O Rap é uma fonte inesgotável de possibilidades para se trabalhar em sala de aula.

Seguramente, qualquer trabalho interdisciplinar empreenderia adequação aos seus contextos de sala de aula, sendo necessário acrescentar ou diminuir o número de aulas, assim como modificar a forma de avaliar os alunos. Nosso intuito aqui, é apresentar um recurso pedagógico que pode ser utilizado por todas as disciplinas do Ensino Médio.

Enfim ... As considerações finais

O Projeto Rapoesia foi proposto com a finalidade de vencer a questão conteudista que permeia o ensino de literatura, tendo em vista apenas os conteúdos de história da literatura brasileira, e por muitas vezes, com textos fragmentados com a intenção de ensinar apenas questões morfológicas e estruturais, esquecendo-se na maioria das vezes da função primordial que a literatura exerce, que é a capacidade humanizadora.

Longe de encerrarmos este Projeto, colocando um ponto final, gostaríamos que este fosse ampliado para as diversas áreas do conhecimento, assim como, os outros três elementos do *Hip-hop* – grafite, break, D.J. – pudessem ser incorporados em futuras sequências didáticas ou projetos de letramento. Poderíamos propor às escolas que dividissem os elementos que compõem o *Hip-Hop* entre as séries do Ensino Médio, por exemplo: o primeiro ano poderia trabalhar o grafite e suas representações; o segundo no, o break e os movimentos corporais na construção da identidade e no terceiro ano, o D.J. e o M.C. (que juntos formam o Rap) e como se dá a construção dos discursos através das letras das músicas.

Mas além disso, nosso Projeto Rapoesia objetivou também a construção de uma educação mais humana e emancipadora, capaz de abrir caminhos para que os alunos pudessem ser agentes dos seus aprendizados. Nosso trabalho foi de extrema importância, pois ao mesmo tempo em que ministrávamos os conteúdos, dávamos espaço para que os alunos pudessem manifestar-se para que juntos pudessemos construir um espaço de aprendizado mútuo dentro de sala de aula.

Relembremos que, quando questionados sobre a frequência com que participavam ou proporcionavam-lhes espaços de debates em sala de aula, as respostas foram, no geral, que raramente aulas

mais dinâmicas aconteciam e, no ano de 2022, havia sido a primeira vez. Da mesma forma que relembremos também, da aluna integrante do Grupo 4, a qual decidiu que rimaria o poema que haviam composto, pois mesmo não gostando de falar em público, e mesmo não gostando de Rap, ela gostava de cantar. Mas, por que lembrar essas questões? Para que possamos concluir que, sem o espaço necessário para os alunos interagirem, sem conhecê-los um pouco mais profundamente. Sem perguntarmos a eles como se sentem em relação a determinado assunto, nunca conseguiremos construir uma educação emancipadora, e no pior dos casos, jamais formaremos cidadãos críticos, capazes de formular e defender seus ideais com firmeza, pois não foram incentivados a fazê-lo.

Do mesmo modo, devemos colocar em mente, como professores, que a escola pertence ao aluno, portanto, é necessário que espaços sejam abertos para que incluamos nos planejamentos, aulas que tenham como conteúdos, aquilo que realmente faça parte do dia a dia dos estudantes, para que eles se sintam realmente incluídos, não apenas como meros receptores de conteúdos formais, mas também, construtores de saberes que permearão sua formação humana.

Logramos comprovar que, com o conhecimento, podemos quebrar as barreiras do preconceito, seja racial, etário, de gênero, sexual, e no nosso caso, cultural, pois, através do Projeto Rapoesia, comprovamos que o Rap, é música, pois vai muito além de um gênero musical, assim como, através das letras dos Raps propostos em sala, comprovamos que cada poema é poesia viva e vivida; além de compor um Rap, é necessário vivê-lo.

É necessário comentar que, tivemos a sorte de encontrar uma profissional que estava disposta a confiar no nosso trabalho, pois pelo que lemos e percebemos, os professores do colégio possuem certa liberdade para a aplicação de conteúdos, mas claro que esses estar dentro do proposto pelo Projeto Político Pedagógico. Não podemos

mencionar a realidade de outros colégios, porém, percebemos que a educação pode ser aos poucos transformada se, os profissionais estivessem dispostos a colaborar para que isso acontecesse. Precisamos emprestar uma citação de Rildo Cosson e concordar quando menciona que: “falta a uns e a outros uma maneira de ensinar que, rompendo o círculo da reprodução ou da permissividade, permita que a leitura literária seja exercida sem o abandono do prazer, mas com o compromisso de conhecimento que todo saber exige.” (2021, p. 17). Que possamos quebrar as barreiras do conhecimento engessado para usufruir de tudo o que a educação pode nos proporcionar, dando lugar a fim de que todos, sem distinção, possam participar da construção dos saberes.

O Projeto Rapoesia foi proposto por nós, mas só foi possível executá-lo pois todos estavam dispostos a fazê-lo acontecer, nós pesquisadores e professores, a professora Naila, o colégio, e acima de tudo, os alunos do 1º ADM. Sem a participação efetiva deles, não teríamos conseguido realizar as atividades e, muito menos, comprovar que realmente a educação transforma.

Referências

AMARAL, M. G. T. do. **O que o rap diz e a escola contradiz**: um estudo sobre a arte de rua e a formação da juventude na periferia de São Paulo – 1. ed. São Paulo: Alameda, 2016.

ANDRADE, E. N. de. **Rap e educação, rap é educação**. Elaine N. de Andrade (org.). - São Paulo: Summus, 1999.

ARTIGO 26º: Direito à educação. Disponível em: Artigo 26º: Direito à educação — Português (Brasil) (www.gov.br) Acesso em 11 Mar. 2022.

ASSUNÇÃO, C. A. de; JESUS, E. A. de; SANTOS, U. da S. **Das ruas para as escolas, das escolas para as ruas**: Slam Interescolar. Coletivo Slam da Guilhermina - São Paulo: LiteraRua, 2021.

BRASIL, Ministério da Educação. - **Base Nacional Comum Curricular**. 2018. Disponível em: BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf (mec.gov.br). Acesso em: 11 Mar. 2022.

BRASIL, Ministério da Educação. **Temas Contemporâneos Transversais na BNCC.** Disponível em:<guia_pratico_temas_contemporaneos.pdf (mec.gov.br)> Acesso em: 25 jun. 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio.** Brasília: Ministério da Educação, 2002a.

_____. **PCN + Ensino Médio: Orientações educacionais complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais.** Ciências humanas e suas tecnologias. Brasília: Ministério da Educação, 2002b.

CANDIDO, Antônio. **O direito à Literatura.** Vários Escritos – Rio de Janeiro, 2011.

COELHO, N. N. **Poesia Marginal.** E-Dicionário de Termos Literários de Carlos Ceia, 29/12/2009. Disponível em: <POESIA MARGINAL | cceia (unl.pt)> Acesso em: 15 jul 2022.

COSSON, R. **Letramento literário: teoria e prática - 2. ed., 12ª reimpressão.** - São Paulo: Contexto, 2021.

DECRETO 19890/31. **Decreto no 19.890, de 18 de abril de 1931.** Disponível em: <Decreto 19890/31 | Decreto no 19.890, de 18 de abril de 1931, Presidência da República (jusbrasil.com.br)>. Acesso em: 24 jun. 2022.

EMENTA CONSTITUCIONAL Nº 14/96. Disponível em:<ecn1496.doc (mec.gov.br)> Acesso em: 25 jun. 2022

Histórico. Conselho Nacional de Educação abre espaço para sugestões à última versão da BNCC. Disponível em: <Histórico (mec.gov.br)> Acesso em: 24 junho 2022.

Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Disponível em: http://www.pedagogiaemfoco.pro.br/15692_71.htm (perspectivasustentavel.com.br)> Acesso em: 24 jun. 2022.

Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em:<lei 9394.pdf (mec.gov.br)> Acesso em: 25 Jun 2022.

LIMA, M. S. L. **Reflexões sobre o estágio/prática e ensino na formação de professores.** Rev. Diálogo Educ., Curitiba, v. 8, n. 23, p. 195-205, jan./abr. 2008

Manual dos Colégios Cívico-Militares – ECIM – 2022. Disponível em: < Manual ECIM 1 ed.docx (educacao.pr.gov.br)> Acesso em: 15 Out 2022.

MOISÉS, M. **A criação literária: poesia e prosa.** São Paulo: Cultrix, 2012.

RAMOS, J. E. M. **Rap: história, resumo das características e estilo.** Sua Pesquisa, 2020. Disponível em: <RAP - história, resumo das características e estilo - Sua Pesquisa> Acesso em: 15 Jul 2022.

Rapper. Disponível em:<Significado de rapper: Aquele que canta rap, cantor de rap (dicionarioinformal.com.br)>. Acesso em: 15 Jul 2022.

RIBEIRO, M. A.; SILVA, W. R. **Rap como recurso pedagógico para o desenvolvimento do letramento crítico.** Revista Humanidades e Inovação. - Palmas, v. 7, n. 8, p. 374-389, Mar. 2020.

SANTOS, J. L. dos. **O que é cultura?** São Paulo: Brasiliense, 2006.

SOUZA, A. L. S. **Letramentos de reexistência:** poesia, grafite, música, dança: HIP-HOP - São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

SOUZA, A. L. S.; CORTI, A. P.; MENDONÇA, M. **Letramentos no ensino médio.** - São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

TEPERMAN, R. **Se liga no som:** as transformações do Rap no Brasil. Claro Enigma, 2015.

Anexos

Anexo 1 – sequência didática para a prática do TCC

Título	RAPOESIA: O RAP COMO RECURSO DIDÁTICO PARA O LETRAMENTO LITERÁRIO NO ENSINO MÉDIO
Assunto	Sequência didática – Projeto Rapoesia
Orientanda	Gisele de Fátima do Prado
Série	1º ADM Ensino Médio
Duração	6 aulas, 50 minutos cada (aproximadamente)
Objetivo	Aplicar em sala com os alunos os conceitos e atividades elencadas no projeto.
Materiais	Televisão ou notebook, caderno, músicas impressas, slides, quadro

Habilidades e competências BNCC ensino médio:

Competência Específica 1:

(EM13LGG102) Analisar visões de mundo, conflitos de interesse, preconceitos e ideologias presentes nos discursos veiculados nas diferentes mídias, ampliando suas possibilidades de explicação, interpretação e intervenção crítica da/na realidade.

(EM13LGG103) Analisar o funcionamento das linguagens, para interpretar e produzir criticamente discursos em textos de diversas semioses (visuais, verbais, sonoras, gestuais).

Competência Específica 2:

(EM13LGG201) Utilizar as diversas linguagens (artísticas, corporais e verbais) em diferentes contextos, valorizando-as como fenômeno social, cultural, histórico, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso.

(EM13LGG202) Analisar interesses, relações de poder e perspectivas de mundo nos discursos das diversas práticas de linguagem (artísticas, corporais e verbais), compreendendo criticamente o modo como circulam, constituem-se e (re)produzem significação e ideologias

(EM13LGG204) Dialogar e produzir entendimento mútuo, nas diversas linguagens (artísticas, corporais e verbais), com vistas ao interesse comum pautado em princípios e valores de equidade asentados na democracia e nos Direitos Humanos.

Competência Específica 3:

(EM13LGG301) Participar de processos de produção individual e colaborativa em diferentes linguagens (artísticas, corporais e verbais), levando em conta suas formas e seus funcionamentos, para produzir sentidos em diferentes contextos.

(EM13LGG302) Posicionar-se criticamente diante de diversas visões de mundo presentes nos discursos em diferentes linguagens, levando em conta seus contextos de produção e de circulação.

(EM13LGG303) Debater questões polêmicas de relevância social, analisando diferentes argumentos e opiniões, para formular, negociar e sustentar posições, frente à análise de perspectivas distintas

Competência Específica 4:

(EM13LGG401) Analisar criticamente textos de modo a compreender e caracterizar as línguas como fenômeno (geo)político, histórico, social, cultural, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso.

Competência Específica 6:

(EM13LGG603) Expressar-se e atuar em processos de criação autorais individuais e coletivos nas diferentes linguagens artísticas (artes visuais, audiovisual, dança, música e teatro) e nas intersecções entre elas, recorrendo a referências estéticas e culturais, conhecimentos de naturezas diversas (artísticos, históricos, sociais e políticos) e experiências individuais e coletivas.

(EM13LGG604) Relacionar as práticas artísticas às diferentes dimensões da vida social, cultural, política e econômica e identificar o processo de construção histórica dessas práticas.

Objetivos:

- Provocar a reflexão sobre a relação da música com a poesia, por meio da leitura e escuta de músicas de Rap;
- Apresentar o contexto de produção e recepção do Rap Nacional;
- Relembrar os conceitos de poesia e poema, assim como o que caracteriza a poesia marginal;
- Apreciar músicas em forma de poema e seus recursos, como rimas e metáforas;
- Organizar junto aos alunos uma coletânea de Rap escritas por eles;

TEMPO: 2 aulas de 50 min.

MATERIAIS NECESSÁRIOS: músicas impressas, acesso à internet, computador, quadro, slides.

ESPAÇO: Sala de aula

1ª Aula e 2ª aula

DATA: 05/09/2022 **HORÁRIO:** 10h50 às 12h

MOTIVAÇÃO: Iniciar a aula com uma conversa para falar sobre o porquê do Projeto e sua relevância. Perguntar aos alunos que tipo de música eles ouvem e se é possível aprender sobre poesia através da música. Combinar com os alunos algumas regras, como levantar a mão para falar e esperar a sua vez, não conversar sobre outros assuntos, não interromper as falas da professora e dos colegas, respeitar o conteúdo das falas, respeitar as opiniões divergentes.

DESENVOLVIMENTO: Antes de iniciar e após a apresentação pessoal, a professora entregará um encarte com as músicas aos alunos e após, perguntar

1. O que é cultura?
2. Como vocês caracterizariam o Rap em três palavras?
3. A escola proporciona espaço durante as aulas para que vocês possam expressar suas opiniões?
4. Qual a importância da Literatura?

Durante as respostas dos alunos, a professora anotarás as respostas da questão número 2 no quadro, e após as discussões, iniciará com a contextualização do Rap Nacional para os alunos, mostrando a realidade dos MCs, assim como o conteúdo das músicas que é variado. Logo, a professora mostrará aos estudantes que o Rap pode ser usado como recurso pedagógico para as aulas de literatura portuguesa, assim como é um meio para os alunos manifestarem suas visões de mundo.

A cada slide a professora poderá interagir com os alunos perguntando se conhecem esse ou aquele MC, se já ouviu essa ou aquela música, se conhecia essa maneira de escrever música, entre outros questionamentos que possam ser pertinentes.

Nos últimos 20 minutos da segunda aula, os alunos ouvirão as músicas e farão uma votação para a escolha da música que será debatida na próxima aula.

Solicitar que os alunos pesquisem sobre a temática da música escolhida como forma de preparação para a análise do conteúdo.

AVALIAÇÃO: A participação dos alunos será o método de avaliação, pois consistirá em perceber a habilidade que eles possuem para debater e formular respostas e opiniões acerca das perguntas realizadas no início.

3ª Aula

DATA: 09/09/2022 **HORÁRIO:** 10h às 11h40

MOTIVAÇÃO: A professora perguntará se realizaram a pesquisa sobre a temática da música eleita na aula anterior.

DESENVOLVIMENTO: O desenvolvimento da aula dependerá da música escolhida pelos alunos, sendo que no encarte entregue pela professora na primeira aula, estarão as letras das canções, a saber: Navio Negreiro (Slim Rimografia) – fala sobre a escravidão que ainda persiste; O Surto (Mika) sendo o assunto a depressão e o suicídio; Pseudosocial (Froid) que fala sobre o sistema educacional brasileiro; Corpo sem Juízo (Jup do Bairro) com o tema sobre homofobia; Flor de Mulher (MC Luana Hansen) que fala sobre o papel da mulher na sociedade e Sucrilhos (Crioulo) com o tema da desigualdade social.

Independente da temática eleita, a professora colocará a música para todos ouvirem e, após isso, lerá parte por parte fazendo um debate sobre cada ponto em específico. Essa aula será específica para os grupos debaterem e darem opiniões baseadas nos fatos que

foram pesquisados por eles sobre o tema da música.

AValiação: A avaliação consistirá em verificar se realizaram a pesquisa sobre o tema da música, solicitada na aula anterior, assim como a habilidade para formar opiniões baseadas em fatos.

4ª e 5ª Aulas

DATA: 12/09/2022

HORÁRIO: 10h50 às 12h

MOTIVAÇÃO: A professora perguntará se eles lembram a diferença entre poesia e poema? E perguntará: O que é poesia Marginal? Vocês acreditam que as letras de Rap podem ser consideradas poemas?

DESENVOLVIMENTO: Após esse debate, serão brevemente relembrados os conceitos básicos da poesia. Depois disso conceituará “poesia marginal”.

Para constatar que as letras de Rap pode ser considerado poemas, serão utilizados os conceitos do livro “Se liga no Som”, o qual ensina como se dão as rimas e o ritmo nas canções. A música utilizada para a análise da aula passada, será usada novamente para a análise das rimas, da métrica e do ritmo. Com isso, teremos a comprovação que o Rap pode ser considerado um gênero literário.

Depois dessas explicações e exemplificações, tendo como base as discussões de todas as aulas anteriores, a professora solicitará que iniciem a escrita, em grupo, de um rap que deverá ser apresentado para a sala na próxima e última aula.

AValiação: A avaliação consistirá na participação em aula e na produção do Rap, com a temática que o grupo venha a escolher, sendo esta, livre para eles terem a liberdade de produção dentro da sala de aula. Caso não seja possível o término do Rap durante esta aula, será solicitado que tragam pronto e ensaiado para a última classe, que consistirá na apresentação dos grupos.

6ª Aula

DATA: 19/09/2022 **HORÁRIO:** 10h às 10h50

MOTIVAÇÃO: Os alunos deverão estar com suas músicas já produzidas.

DESENVOLVIMENTO: Os grupos iniciarão as apresentações, poderão cantar todos juntos, ou cada um cantar sua parte. O intuito é a participação coletiva.

AVALIAÇÃO: Apresentação.

Anexo 2 – slides

[RAP E POESIA - TCC GISELE.pptx](#) – Aulas 1 e 2

[PROJETO TCC GISELE - aula 3.pptx](#) – Aulas 3 e 4 (excepcionalmente não utilizamos este material, pois conforme mencionamos, os alunos participaram ativamente do debate e da análise do Rap)

[PROJETO TCC GISELE - RAPOESIA - 5ª E 6ª AULAS.pptx](#) – Aulas 5 e 6

Anexo 3 – encarte

Navio Negroiro – Slim Rimografia

Somos sonhos, somos luta
Fomos mão de obra barata
Somos arte, somos cultura
Somos ouro e somos prata
Somos índios, somos negros
Somos brancos, somos afrodescendentes
Somos raça, somos povo

Somos tribo, somos gente
Somos sonhos, somos luta
Fomos mão de obra barata
Somos arte, somos cultura

Estamos em pleno mar, embarcações de ferro e aço
Onde pessoas disputam palmo a palmo por um espaço
Nesse imenso rio negro de piche e asfalto
Cristo observa tudo calado de braços abertos lá do alto
Onde a lei do silêncio impede que ecoe o grito do morro
Dos poetas em barracos sem forro, que clamam por socorro
Homens de pele escura, sem sobrenome importante
Filhos de reis e rainhas de uma terra tão distante
O mar separa o Brasil da África
Um rio separa as periferias das mansões de magnatas
Uniformes diferenciam funcionários de patrões
A cor denuncia vítimas antigas de explorações
Trazidos em porões e navios negreiros
Tratados como animais, vendidos a fazendeiros
Vivendo em cativeiros
Negociados como mercadoria
Enriquecendo a classe nobre, hoje chamada burguesia
Deixou pra trás dialetos e crença
Caçados, mortos e açoitados quem tentou resistência
Tratados como gado, sem direito à educação
Emudeceram seus tambores, amaldiçoaram sua religião
Alguns morreram de fome, de sede, de frio
Corpo magro, cheio de marcas e o estômago vazio
Me diz: Quem são os heróis e quem são os bandidos?
Quem merece honra, quem merece ser punido?
Quem lutou por liberdade, na história foi esquecido
Sem status, sem monumentos, só barracos foram erguidos

Somos sonhos, somos luta
Fomos mão de obra barata
Somos arte, somos cultura
Somos ouro e somos prata
Somos índios, Somos negros
Somos brancos, somos afrodescendentes
Somos raça, somos povo

Somos tribo, somos gente
 Somos sonhos, somos luta
 Fomos mão de obra barata
 Somos arte, somos cultura

Somos tratados como nada, trazidos como bicho
 Oprimidos e usados, dispensados como lixo
 Temos muito que mudar, a história não acabou
 Por cada vida que por liberdade, como Cristo, se sacrificou
 Bisavós cuja a voz foi silenciada
 E por nós sua luta não pode ser abandonada
 O navio hoje é barca sem vela, só sirene
 Navegando na estrada, hoje volante, ontem lemes
 O porão é chiqueiro de camburão
 Os chicotes e açoites trocados por cacetete e oitão
 Senzala virou presídio, Quilombo é favela
 Heróis: Malcolm X, Luther King, Zumbi e Mandela
 Escravidão ainda existe em cada olhar triste nas esquinas
 Nos becos e vielas, nos sonhos em ruínas
 No esgoto a céu aberto, na criança desnutrida
 Nas mãos que pedem esmola nas ruas e avenidas
 Herdeiros da miséria dos escravos trazidos em navios
 Soldados do breu em busca do brio
 Filhos da pátria amada, idolatrada mãe gentil
 Onde tu estavas que tamanha atrocidade não viu
 Negras mulheres, suspendendo às tetas
 Magras crianças, cujas bocas pretas
 Rega o sangue das mães
 Outras, moças, mas nuas e espantadas
 No turbilhão de espectros arrastadas

Somos sonhos, somos luta
 Fomos mão de obra barata
 Somos arte, somos cultura
 Somos ouro e somos prata
 Somos índios, Somos negros
 Somos brancos, somos afrodescendentes
 Somos raça, somos povo
 Somos tribo, somos gente
 Somos sonhos, somos luta

Fomos mão de obra barata
Somos arte, somos cultura
Tem um pouco de navio negreiro embaixo de cada viaduto
Em cada lágrima derramada, em cada mãe que veste luto
Tem um pouco de navio negreiro em cada mão que pede esmola
Em cada beco e viela, em cada criança longe da escola
Tem um pouco de navio negreiro na viola, no pandeiro
No atabaque, no cordel, na enxada e no tempeiro
Tem um pouco de navio negreiro na igreja, no terreiro
No santo, no orixá, na benzedeira e no obreiro
Tem um pouco de navio negreiro no crucifixo, no patuá
Na mulata, no crioulo e na cumbuca de Munguzá
Tem um pouco de navio negreiro na música, na poesia
Na dança, nas artes e em cada panela vazia
Tem um pouco de navio negreiro no futebol, no carnaval
No azeite de dendê, no acarajé e no código penal
Tem um pouco de navio negreiro no reflexo do espelho
Dos que lutaram e morreram pra não viver de joelho
Tem um pouco de navio negreiro em cada conquista, em cada vitória
Na pele, na memória, na minha e na sua história
Tem um pouco de navio negreiro

Somos sonhos, somos luta
Fomos mão de obra barata
Somos arte, somos cultura
Somos ouro e somos prata
Somos índios, somos negros
Somos brancos, somos afrodescendentes
Somos raça, somos povo
Somos tribo, somos gente
Somos sonhos, somos luta
Fomos mão de obra barata
Somos arte, somos cultura

Disponível em: < Navio Nегreiro - Slim Rimografia - LETRAS.MUS.BR >

Corpo sem juízo - Jup do bairro

Minha filha continua me escrevendo
Me afirmou que vai voltar
Que vem me ver por esses dias
Pedi-me perdão, dizendo que havia transformado seu corpo em outro corpo
E que eu teria dificuldade em reconhecê-la
Eu lhe respondi que o corpo era dela
Era ela a única dona
E que meu amor por ela estava sacramentado desde sempre
O meu coração estaria sempre do lado do corpo dela
Qualquer que fosse a forma que esse corpo tivesse
E cá estou eu
Nem sei por que contemplando esse corpo caído no chão
Debruço
Olho a cabeça do corpo morto
Parece de uma mulher bem jovem
Ela devia ser vaidosa
Longas tranças espalhadas lhe cobrem a nuca e parte dos olhos
Sinto arrepio
Parece que eu já vi esse corpo por trás
Essa silhueta não me é estranha
Tenho essa imagem no fundo de minhas lembranças
Quem será essa mulher?
Alguém me sussurra, ao lado, que foi um crime se homofobia
Penso em Josué, meu filho
Que não é filho
E, sim, minha amada filha
Preciso me afastar daqui
Essa cena me traz lembranças de antigas dores
Minha filha disse que virá por esses dias
Estou cansada
Tudo em mim dói
Crime de homofobia?
De quem é esse corpo?
É preciso resguardá-la
A polícia está demorando
Preciso me aproximar mais
Quero ver esse corpo de perto
Há um detalhe, perto do corpo
Que eu não tinha visto: Uma pequena bolsa tiracolo

Bolsa igual a minha
É a bolsa que a minha filha me pediu, um dia
Presente que eu lhe dera escondido do Josué, pai
Preciso me aproximar
Dá licença! Dá licença! Dá licença!
Vejo-me empurrando todos
Dá licença!
Vida, me dá licença! Me dá licença!
Conheço esse corpo
Saio de mim
Planto-me aqui
Eu, sentinela de um corpo assassinado, que não consegui guardar
Essa é a minha menina
Tenho dor
Meu peito explode
Algo me fere o peito
Quem matou a minha menina?
O pai?
Eu?
Vocês?
Quem matou minha menina?
Quem matou minha menina?
Meus olhos cansado se abrem pra um novo dia
Engulo a saliva da minha própria rebeldia
E quem diria que um dia cê me ouviria falar?
É que minhas correntes foram soltas antes d'eu me expressar
Tardia, e sinto que aqui não posso caminhar
Meu corre é longo, mais um pulo, chego onde quero chegar
Por onde quero, posso até chegar numa ilusão
Mas sigo em frente e nem sempre ouço o meu coração
Anoitece, o sol já desce
Pedidos em forma de prece
De uma gente que só ajuda a outra se julgar-se merecem
Ninguém quer se conhecer
Se preocupar pra quê?
Nesse caminho falho eu não ganho o que mereço receber
É como está diante da morte e permanecer imortal
É como lançar à própria sorte e não ter direito igual
Mas eu resisto, eu insisto, eu existo
Não quero o controle de todo esse corpo sem juízo

Um corpo sem juízo, que não quer saber do paraíso
Mas sabe que mudar o destino é o seu compromisso
Um corpo sem juízo, que não quer saber do paraíso
Mas sabe que mudar o destino é o seu compromisso
Um corpo sem juízo, que não quer saber do paraíso
Mas sabe que mudar o destino é o seu compromisso
Um corpo sem juízo, que não quer saber do paraíso
Mas sabe que mudar o destino é o seu compromisso
E é isso!

Eu decidi que vou explorar as potências do meu corpo
Por isso, unha, cabelo, e tal, tal, tal
Explorando as potências do meu corpo, eu fiz esse trabalho
De acordo com toda a violência que eu sofri
Relacionada a minha mão à gesticular
Em ser viado mesmo
É isso!
É sobre bichice
É sobre ser quem eu quero ser
É sobre liberdade
É sobre ser uma referência de bicha
As minhas referências são bichas
Meus olhos cansado se abrem pra um novo dia
Engulo a saliva da minha própria rebeldia
E quem diria que um dia cê me ouviria falar?
É que minhas correntes foram soltas antes d'eu me expressar
Tardia, e sinto que aqui não posso caminhar
Meu corre é longo, mais um pulo, chego onde quero chegar
Por onde quero, posso até chegar numa ilusão
Mas sigo em frente e nem sempre ouço o meu coração
Anoitece, o sol já desce
Pedidos em forma de prece
De uma gente que só ajuda a outra se julgar-se merecem
Ninguém quer conhecer
Se preocupar pra quê?
Nesse caminho fale
Eu não ganho o que mereço receber
É como está diante da morte e permanecer imortal
É como lançar à própria sorte e não ter direito igual
Mas eu resisto, eu insisto, eu existo
Não quero o controle de todo esse corpo sem juízo

Um corpo sem juízo, que não quer saber do paraíso
 Mas sabe que mudar o destino é o seu compromisso
 Um corpo sem juízo, que não quer saber do paraíso
 Mas sabe que mudar o destino é o seu compromisso
 Um corpo sem juízo, que não quer saber do paraíso
 Mas sabe que mudar o destino é o seu compromisso
 Um corpo sem juízo, que não quer saber do paraíso
 Mas sabe que mudar o destino é o seu compromisso

Disponível em:< Corpo Sem Juízo - Jup do Bairro - LETRAS.MUS.BR>

O Surto - Mika (part. Ruero)

Qual futuro que você visa?
 Tão preocupado com quantos te visualiza
 A vida é como um campo minado no escuro
 Tome cuidado onde pisa
 E olha eu juro
 Não tô aqui de brisa
 Vocês falam tanto em pegar a visão
 Mas nem se deram conta que nossos irmãos
 A muito tempo já não visam um futuro
 Cuidado pra ilusão não te cegar
 Nada será conquistado se ficar só na espera
 Você tá entre viver ou esperar a morte chegar
 Ou quem sabe esteja indo de encontro com ela
 Desculpa se suou como hipocrisia
 Tem tanta coisa acontecendo
 Várias fita correndo
 E eu escrevendo versos pedindo pra vocês
 Darem mais valor à vida enquanto eu me enveneno
 Olha então vai vendo, nem tudo é só festa
 As vezes minha mente me contesta
 Foi acumulando tudo o que ela detesta
 Juntei todo aquele ódio é mandei de testa
 Como somos fracos nos achamos fortes
 Vivemos juntando cacos não temo todo esse porte
 Não sabemos lidar com fatos muito menos com a morte

E pra realizar os nossos atos precisamos de suporte
Essa letra é um surto
Dos efeitos que surtiram
Minha oração é para que o pai olhe
Por aqueles que a tempos morreram e ainda respiram
De letra em letra meu bloco de notas
Tem virado um show de horrores
E a insônia veio me avisar que as madrugadas
Não foram feitas para dormir
Não para os compositores
Mesmo que tentem testar minha fé não me abalaram
Os que tentaram testar minha fé fortificaram
Mesmo que tentem testar minha fé não me abalaram
Os que tentaram testar minha fé fortificaram
Ultimamente com o que sua mente se ocupa
Cê vive ou vive inventando desculpa?
Não vá se apegar a sua luta fajuta
Sua conduta é culpar para fugir da culpa
Jogue a culpa em mim
Se alguém tem que ser culpado é não há uma escapatória
Me perdi no meio da trajetória
Quando foi que me tornei o vilão da minha própria história?
E o pior é que eu jogo a culpa em mim
A que ponto as coisas chegaram?
Sempre falei sobre perdão, segunda chance
Na minha vez não teve perdão e as chances acabaram
Dois lados da moeda sorte ou revés
O jogo da vida real é mo treta
Seus autos é baixos são como montanha russa
Que vivemos se arriscando na roleta
Isso não é um mero desabafo
São baseados em vivências tudo o que componho e canto
Ta mais pra recado só queria dizer guerreiro, guerreira não se culpe tanto
Como fui falho minha mente recorda
Como pesadelo que nunca se acorda
Talvez uma conversa evitaria
Que aquela vida tivesse ido embora
Através de uma corda
E eu pude ver de perto
Pessoas que não vejo mais com a mente perdida

Se perdendo no crime perdendo a liberdade
Ou até mesmo perdendo a vida
Ou tirando com as próprias mãos
Cansei de ser enganado por história fictícia
Que te fazem pensar que sua vida também deva acabar
Com uma triste notícia
Saudades a mil pensando em quantos não viram seus dias de glórias
Quantas histórias momentos mil grau
Infelizmente restaram memórias (só memórias)
Romantizam assuntos sérios
Incompreendidos taxados como covardes
A procura de refúgio só posso dizer
Que ainda é cedo pra pensar que é tarde
Infelizmente ou felizmente não existe
Nada mais imprevisível do que a vida
Talvez esses sejam meus últimos versos
Talvez esse som seja uma despedida
Talvez se aproxime a hora da partida
Talvez eu vá com a cabeça erguida
Talvez eu vá antes da hora
Ou com a sensação de que a missão foi cumprida
Ruas manchadas de sangue
É não é de hoje que te avisam
Curando suas feridas
Carregando feridas que não cicatrizam
A essa altura a mensagem já foi emitida
Me encontro no alto da ponte com a visão tão bela
Gritando pelo amor de Deus não desistam da vida
Mesmo que tentem testar minha fé não me abalaram
Os que tentaram testar minha fé fortificaram
Mesmo que tentem testar minha fé não me abalaram
Os que tentaram testar minha fé fortificaram

Disponível em:< O Surto (part. Ruero) - Mika MC - LETRAS.MUS.BR>

Flor de Mulher - MC Luana Hansen

A cada duas horas uma mulher
é assassinada no país!

Mulher, no topo da estatística
32 Anos, uma pobre vítima
Vivendo num sistema machista e patriarcal
Onde se espancar uma mulher é natural
A dona do lar, a dupla jornada
Sempre oprimida, desvalorizada
Até quando eu vou passar despercebida
A cada 5 minutos uma mulher é agredida
E você, pensa que isso é um absurdo
A cada hora duas mulheres sofrem abuso
Sai pra trabalhar, pra quê?
Pra ser encochada por um zé feito você

Que diz:
“Eu não consegui me controlar
Olha o tamanho da roupa que ela usa, rapá! “

A culpada, em todos os lugares
Violentada, por gestos, palavras, e olhares
Alvo do mais puro preconceito
Já que tá ruim, ela que não fez direito!
Objeto de satisfação do prazer
Desapropriada da opção do querer
Agredida em sua própria residência
Julgada sempre pela aparência
Numa situação histórica e permanente
A sociedade que se faz indiferente
Questão cultural, força corporal
Visão moral, pressão mental
Levante sua voz e me diz qualé que é
É embaçado ou não é... Ser mulher!

Sim eu sou mulher, estou pronta pra lutar
Sim eu sou mulher, vou sempre avançar
Sim eu sou mulher, ninguém vai me parar
Ninguém vai me parar!

A raiz é o espelho
Do que eu digo
E a semente espalha
Tudo o que é dito

No seu jardim nasceu a flor desobediente
Enquanto ela existir vai ser diferente
Destruindo e criando
Saltando barreiras
A faraó, a verdadeira
Valente imperatriz, revolucionária
A pioneira, nunca retardatária!
Símbolo da mais pura ousadia
A venenosa, erva daninha
Líder nata maestrina
Mulher Ipanema, heroína
No grito e no ferro
Que nunca se entrega
Quebrando o tabu
Destruindo as regras
Autêntica, polêmica, combatente
Coloca a mulher sempre a frente
Enigmática, apoiada pela fé
Decidida, sabe sempre o que quer
Estrategista, de uma mente brilhante
Forte, corajosa, cativante
Guerreira, campeã, atrevida
Na luta diária pra ser reconhecida
A dona do seu corpo, imponente
De ampla visão, independente
A favor da liberdade eliminando o preconceito
Inteligente, merecedora de respeito
A trabalhadora, a chefe de família
A produtora, a feminista.

Levante a sua voz e me diz qualé que é
É embaçado ou não é... Ser mulher?

Sim eu sou mulher, estou pronta pra lutar
Sim eu sou mulher, vou sempre avançar

Sim eu sou mulher, ninguém vai me parar
Ninguém vai me parar!

A raiz é o espelho
Do que eu digo
E a semente espalha
Tudo o que é dito.

Disponível em:< Flor de Mulher - MC Luana Hansen - LETRAS.MUS.BR>

Sucrilhos – Crioulo

Calçada pra favela, avenida pra carro,
Céu pra avião, e pro morro descaso.
Cientista social, Casas Bahia e tragédia,
Gosta de favelado mais que Nutella,

Quanto mais ópio você vai querer?
Uns prefere morrer ao ver o preto vencê.
É papel alumínio todo amassado,
Esquenta não mãe isso é uma cabeça de alho.
Cartola vira que eu vi, tão lindo,
forte e belo como Muhammad Ali.
E cantar rap nunca foi pra homem fraco,
Saber a hora de parar é pra homem sábio.

Rico quer levar uma com nós, cê é quem sabe,
Quero ver paga de loco lá em Abu Dhabi.
Eu sou nota 5 e sem provocar alarde,
Nota 10 é Dina Di, Dj Primo e Sabotage.

Pode colar mas sem arrastar,
Se arrastar favela vai cobrar.
Acostumado com sucrilhos no prato.
Morango só é bom com a preta de lado.

O planeta jaz, é a trombeta do satanás,
Usain Bolt se não correr fica pra trás.

Querer tapar o sol com a peneira é feio demais,
É cocaína desgraça a vida de um bom rapaz.
Trilha Sonora do gueto, Rappin Hood e Facção,
Fazem o povo cantar com emoção.
Zona Sul, haja coração,
Dez mil pessoas na favela, na quermesse do Campão.

Di Cavalcanti, Oiticica e Frida Kahlo
Têm o mesmo valor que a benzedeira do bairro.
Disse que não, ali o recém formado, entende,
Vou esperar você fica doente.

Cantar Rap nunca foi pra homem fraco,
Saber a hora de parar é pra homem sábio.
Vacilo no jab, é fio, é lona.
Criolo Doído não é garapa,
a ideia é rápida mas soma.

Pode colar mais sem arrastar,
Se arrastar favela vai cobrar,
Acostumado com sucrilhos no prato.
Morango só é bom com a preta de lado.

Eu tenho orgulho da minha cor,
Do meu cabelo e do meu nariz.
Sou assim e sou feliz.
Índio, caboclo, cafuso, crioulo! Sou brasileiro!

Disponível em:< Sucrilhos - Criolo - LETRAS.MUS.BR>

